



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICH FACULDADE DE
EDUCAÇÃO DO CAMPO – FECAMPO

VANDA DO ROSÁRIO OLIVEIRA

**A PESCA ARTESANAL NA VILA GELADINHO: EXPERIÊNCIAS
SOCIOCULTURAIS E NARRATIVAS DE MEMÓRIA**

MARABÁ – PA
Outubro - 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICH FACULDADE DE
EDUCAÇÃO DO CAMPO – FECAMPO

VANDA DO ROSÁRIO OLIVEIRA

**A PESCA ARTESANAL NA VILA GELADINHO: EXPERIÊNCIAS
SOCIOCULTURAIS E NARRATIVAS DE MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação do Campo do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, para obtenção do grau de graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Agrárias e da Natureza.

Orientadora: Profa. Ma. Rita de Cássia Pereira da Costa

MARABÁ-PA

Outubro - 2020

VANDA DO ROSÁRIO OLIVEIRA

**A PESCA ARTESANAL NA VILA GELADINHO :EXPERIÊNCIAS
SOCIOCULTURAIS E NARRATIVAS DE MEMÓRIA**

Data da avaliação: _____ de _____ de _____

Banca Examinadora

-

_____ Orienta
dora (Presidente): Rita de Cássia Pereira Costa – UNIFESSPA Titulação: Mestre
Instituição:

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/FECAMPO-ICH

-

_____ Memb
ro: Cristiane Vieira da Cunha Titulação: Doutora Instituição: Universidade Federal do Sul e
Sudeste do

Pará/FECAMPO-ICH

-

_____ Memb
ro: Cristiano Bento da Silva Titulação: Doutor Instituição: Universidade Federal do Sul e
Sudeste do

Pará/Instituto de Estudos do Xingu-IEX

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca Setorial
Campus do Tauarizinho da Unifesspa**

Oliveira, Vanda do Rosário

A pesca artesanal na Vila Geladinho: experiências socioculturais e narrativas de memória / Vanda do Rosário Oliveira ; orientadora, Rita de Cássia Pereira da Costa. — Marabá, PA : [s. n.], 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2020.

1. Pesca – Pará. 2. Pesca artesanal. 3. Pescadores - Condições sociais - Pará. 4. Pescadores – Narrativas pessoais. 5. Memória autobiográfica. I. Costa, Rita de Cássia Pereira da, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 639.2098115

AGRADECIMENTOS

Á Deus primeiramente, por tudo que ele vem me proporcionando.

A minha família que sempre me apoiou, incentivou-me durante essa jornada acadêmica. Aos amigos que fiz durante esse processo formativo do Curso de Educação de Licenciatura em educação do Campo. Aos professores da Fecampo pela dedicação.

Agradeço também aos meus filhos Isac e Jordan.

A minha orientadora pela paciência, dedicação e contribuições que me foram de fundamental importância.

EPIGRAFE

“As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam.

Narrativa, sujeitos, memória. História e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a história em construção. São memórias que falam”.

(Lucília de Almeida Delgado).

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir as relações socioculturais e as narrativas de memória em torno da pesca artesanal realizada na Vila Geladinho. E trata dessas experiências constituídas mediante o processo de formação e trajetória, bem como, das práticas e em continuidade no presente. A análise busca compreender as relações socioculturais da pesca na relação com o território e os recursos naturais, no espaço da comunidade e seu contexto no sudeste paraense. Trata das experiências e narrativas de homens, mulheres e, das diferentes gerações, com destaque para o processo de formação, lutas pelo acesso à terra, da dinâmica organizativa e de representação em torno da pesca. Também discute aspectos do cotidiano da pesca artesanal, com ênfase para os saberes e práticas constituídos na relação com o meio ambiente. Discuti acerca da importância e significados atribuídos a pesca em caráter econômico e cultural, para a garantia do sustento e do modo de vida na comunidade. E com base nas trajetórias e memórias no que diz respeito às mudanças e continuidades, também aborda sobre os jovens da Vila Geladinho, nas relações de trabalho e percepções sobre as práticas da pesca artesanal. A abordagem metodológica enfoca as narrativas, a partir dos relatos dos agentes sociais. Tendo adotado para a coleta das fontes, técnicas de entrevistas com pescadores mais antigos, mulheres, e os jovens. Com estes ainda, roda de conversa, e além disso no conjunto da pesquisa, conversas informais e observações diretas. E com foco nas questões desse contexto de pesquisa mantém um diálogo com a literatura nos diferentes temas que perpassam esta análise.

Palavras chave: Memória; Narrativas da Pesca Artesanal; Vila Geladinho.

ABSTRACT

The present work proposes the discussion as socio-cultural relations and as memory narratives around the artisanal fishing carried out in Vila Geladinho. This experience is obtained through the process of formation and routing, as well as practices and continuity in the present. The analysis searches for understanding how socio-cultural fisheries relations in relation to the territory and natural resources, in the community space and its context in southeastern Pará. It deals with the experiences and narratives of men and women and, of different generations, with emphasis on the formation process, as a struggle for access to land. Organizational and representation dynamics around fishing. It also discusses aspects of the daily life of artisanal fishing, with emphasis on the knowledge and practices constituted in relation to the environment. Discuss the importance and the necessary meanings of fishing in an economic and cultural character, to guarantee the livelihood and the way of life in the community. And based on the journeys and memories with respect to changes and continuities, he also approached the youth of Vila Geladinho sober, in the working relationships and perceptions about the practices of artisanal fishing. A methodologically approach focuses on narratives, on the reports of social agents. Having adopted, for the collection of the sources, techniques the information with older fishermen, women, and young people. With these still, conversation wheel, and furthermore in the set of research, informal and direct conversations. And with a focus on the research context issues, we maintain a dialogue with the literature on our different themes that permeate this analysis. And, in search of understanding the sociocultural dynamics of Vila Geladinho, through its route and formation process, in the face of the narratives of memory and experiences of the present.

Key words: Memory; Artisanal fishing Narratives; Vila Geladinho.

RESUMEN

El presente trabajo propone la discusión como relaciones socioculturales y como narrativas de memoria en torno a la pesca artesanal realizada en Vila Geladinho. Esta experiencia se obtiene a través del proceso de formación y enrutamiento, así como de prácticas y continuidad en el presente. El análisis busca comprender cómo se relacionan las pesquerías socioculturales en relación con el territorio y los recursos naturales, en el espacio comunitario y su contexto en el sureste de Pará. Se trata de las vivencias y narrativas de hombres y mujeres y, de distintas generaciones, con énfasis en el proceso de formación, como una lucha por el acceso a la tierra. Dinámicas organizativas y de representación en torno a la pesca. También se analizan aspectos de la vida cotidiana de la pesca artesanal, con énfasis en los conocimientos y prácticas que se constituyen en relación con el medio ambiente. Discutir la importancia y los significados necesarios de la pesca en un carácter económico y cultural, para garantizar el sustento y la forma de vida en la comunidad. Y a partir de los recorridos y recuerdos respecto a cambios y continuidades, también se acercó a la juventud de Vila Geladinho sobria, en las relaciones laborales y percepciones sobre las prácticas de la pesca artesanal. Un enfoque metodológico se centra en las narrativas, en los relatos de los agentes sociales. Habiendo adoptado, para la recolección de las fuentes, técnicas la información con pescadores mayores, mujeres y jóvenes. Con estos todavía, rueda de conversación, y además en el conjunto de investigaciones, conversaciones informales y directas. Y con un enfoque en los temas del contexto de investigación, mantenemos un diálogo con la literatura sobre nuestros diferentes temas que permean este análisis. Y, en busca de comprender la dinámica sociocultural de Vila Geladinho, a través de su recorrido y proceso de formación, frente a las narrativas de la memoria y vivencias del presente.

Palabras-Clave: Memoria; Narrativas de Pesca Artesanal; Vila Geladinho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização de Pescadores e Ribeirinhos da Vila Geladinho	14
Figura 2: Vila Geladinho, avenida Estevam	23
Figura 3: Dona Albertina da Silva Guedes, uma das integrantes mais antiga da comunidade...35	
Figura 4: Escola Joel Pereira Cunha, no Geladinho.....	41
Figura 5: Antiga ponte de madeira no Projeto de Assentamento Pedro Vaz.....	42
Figura 6: Ponte atual no projeto de assentamento Pedro Vaz.....	43
Figura 7: Pesca de Branquinha e Voador	65
Figura 8: Praia do Geladinho final do veraneio	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I: VILA GELADINHO: TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO HISTÓRICA EM CONTEXTO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	20
1.1 Entre a violência e a existência :O processo de formação sócio-histórica da Vila Geladinho a partir das narrativas das mulheres	21
1.2 Entre as “ veredas” e a construção de outros caminhos: A luta por uma escola na/da comunidade.....	38
CAPÍTULO II: PESCA E DINÂMICA SOCIAL NA VILA GELADINHO.....	45
2.1 Território de memórias: As imbricações da pesca nas dimensões da vida.....	46
2.2 Dinâmicas de acesso à terra e os conflitos em torno da atividade da pesca	52
2.3 Experiências sociais e memórias em torno de práticas, saberes e relações cotidianas.....	58
CAPÍTULO III: JOVENS DA VILA GELADINHO: RELAÇÕES DE TRABALHO PERCEPÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DA PESCA ARTESANAL	72
3.1 O trabalho e a escola a partir da percepção da juventude: A luta por uma educação do campo	73
3.2 A atividade da pesca em um momento pendular: Entre convergências e divergências.....	81
CONCLUSÃO.....	87
BIBLIOGRAFIA.....	89

A PESCA ARTESANAL NA VILA GELADINHO: EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS E NARRATIVAS DE MEMÓRIA

Vanda do Rosário Oliveira^{1*} Rita de Cássia Pereira Costa^{2**}

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir as relações socioculturais e as narrativas de memória em torno da pesca artesanal realizada na Vila Geladinho. E trata dessas experiências constituídas mediante o processo de formação e trajetória, bem como, das práticas e em continuidade no presente. A análise busca compreender as relações socioculturais da pesca na relação com o território e os recursos naturais, no espaço da comunidade e seu contexto no sudeste paraense. Trata das experiências e narrativas de homens, mulheres e, das diferentes gerações, com destaque para o processo de formação, as lutas pelo acesso à terra, da dinâmica organizativa e de representação em torno da pesca. Também discute aspectos do cotidiano da pesca artesanal, com ênfase para os saberes e práticas constituídos na relação com o meio ambiente. Discute acerca da importância e significados atribuídos à pesca em caráter econômico e cultural, para a garantia do sustento e do modo de vida na comunidade. E com base nas trajetórias e memórias no que diz respeito às mudanças e continuidades, também aborda sobre os jovens da Vila Geladinho, nas relações de trabalho e percepções sobre as práticas da pesca artesanal. A abordagem metodológica enfoca as narrativas, a partir dos relatos dos agentes sociais. Tendo adotado para a coleta das fontes, técnicas de entrevistas com pescadores mais antigos, mulheres, e os jovens. Com estes ainda, roda de conversa, e além disso no conjunto da pesquisa, conversas informais e observações diretas. E com foco nas questões desse contexto de pesquisa mantém um diálogo com a literatura nos diferentes temas que perpassam esta análise.

Palavras chave: Memória; Narrativas Pesca Artesanal; Vila Geladinho.

¹ Curso de licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Agrárias e da Natureza (FECAMPO/UNIFESSPA. E-mail: wandda43@gmail.com.

* Parte deste trabalho foi desenvolvido durante atividades como bolsista de apoio técnico do Projeto de Pesquisa: *Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado*. **Proposta sudeste paraense:** *Cartografia social sul e sudeste paraense - Povos e comunidades tradicionais: impactos da mineração e projetos de infraestrutura no sul e sudeste do Pará*. E vinculada ao Laboratório e Grupo de Pesquisa Núcleo de Cartografia Social do Sul e Sudeste do Pará.

² Historiadora/Antropóloga professora da Faculdade de Educação do Campo - FECAMPO/UNIFESSPA; Pesquisadora PNCSA e Laboratório e Grupo de Pesquisa Núcleo de Cartografia Social do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: ritacosta@unifesspa.edu.br.

** Pesquisadora e coordenadora das atividades das ações em torno da Proposta Pesquisa: *Cartografia social sul e sudeste paraense - Povos e comunidades tradicionais: impactos da mineração e projetos de infraestrutura no sul e sudeste do Pará*.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a discutir as relações socioculturais e as narrativas de memória em torno da pesca artesanal realizada na Vila Geladinho. E trata dessas experiências constituídas mediante o processo de formação e trajetória, bem como, das práticas e em continuidade no presente.

A análise busca compreender as relações socioculturais da pesca na relação com o território e os recursos naturais, no espaço da comunidade e seu contexto no sudeste paraense. Trata das experiências e narrativas de homens, mulheres e, das diferentes gerações, com destaque para o processo de formação, a luta pelo acesso à terra. Da dinâmica organizativa e de representação em torno da pesca. Também discute aspectos do cotidiano da pesca artesanal, com ênfase para os saberes e práticas constituídos na relação com o meio ambiente.

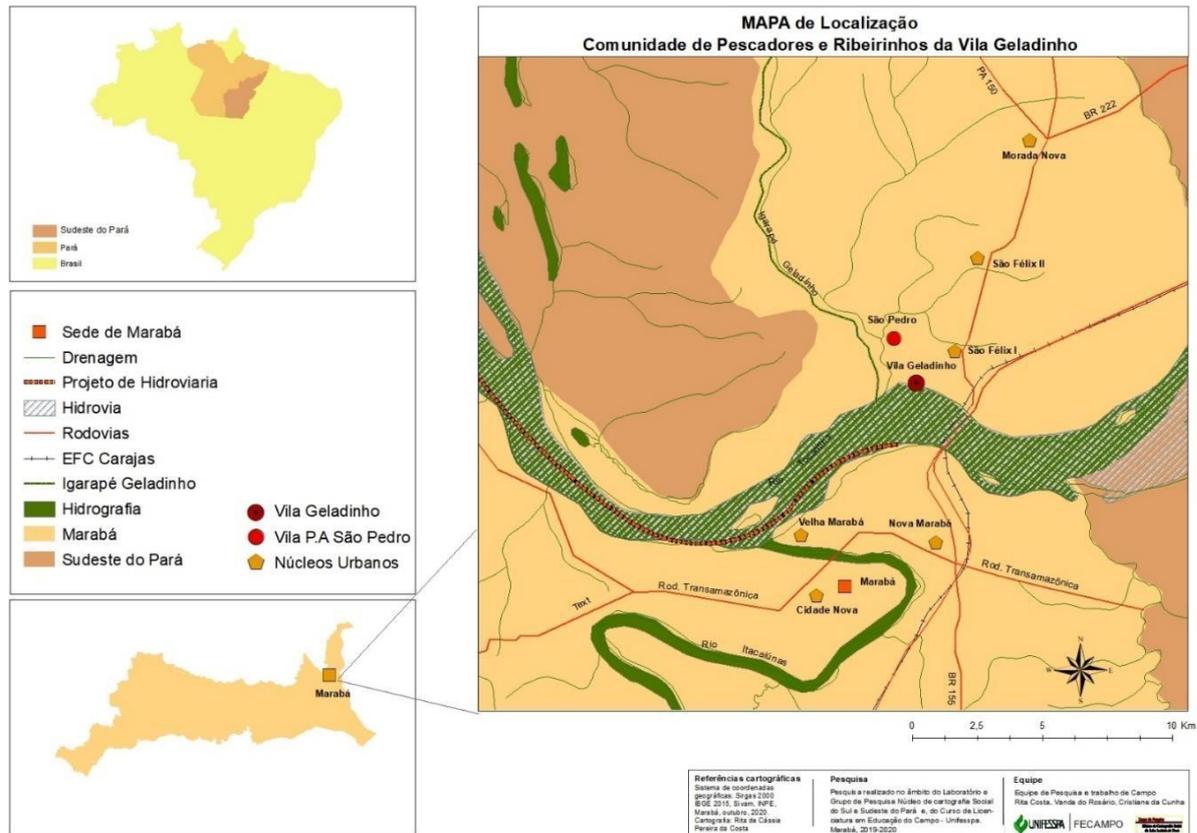
Discutir acerca da importância e significados atribuídos a pesca em caráter econômico e cultural, para a garantia do sustento e do modo de vida na comunidade. E com base nas trajetórias e memórias no que diz respeito às mudanças e continuidades, também aborda sobre os jovens da Vila Geladinho, nas relações de trabalho e percepções sobre as práticas da pesca artesanal.

A abordagem metodologicamente enfoca as narrativas, a partir dos relatos dos agentes sociais. Tendo adotado para a coleta das fontes, técnicas as entrevistas com pescadores mais antigos, mulheres, e os jovens. Com estes ainda, roda de conversa, e além disso no conjunto da pesquisa, conversas informais e observações diretas. E com foco nas questões desse contexto de pesquisa mantém um diálogo com a literatura nos diferentes temas que perpassam esta análise. E, em busca de compreender a dinâmica sociocultural da Vila Geladinho, por meio de sua trajetória e processo de formação, em face das narrativas de memória e experiências do presente.

A pesquisa se orienta, mais especificamente, no sentido de conhecer as práticas sociais mais amplas e as ações em torno da pesca. Dessa maneira, em que concerne às atuações em torno da pesca artesanal, como é vivenciada e narrada pelos agentes sociais que a praticam, e sob o enfoque da memória. Significa, compreender a dinâmica social com um olhar para o presente, as transformações, e com interesse em descrever o processo histórico de formação da Vila Geladinho.

Geladinho I, constitui uma localidade, reconhecida com a categoria administrativa de Vila e pertencente ao município de Marabá. Se encontra acerca de 17 quilômetros da sede deste município, à margem direita do Rio Tocantins. A Vila Geladinho faz parte da mesorregião sudeste paraense e da microrregião de Marabá, atingindo população estimada de 1.500 famílias, segundo relatos dos membros mais antigos da comunidade.

Figura 1: Mapa de localização da Comunidade de Pescadores e Ribeirinhos da Vila Geladinho



Fonte: COSTA, R. C.P., 2020. Laboratório de Cartografia Social do Sul e Sudeste do Pará.

Dado o processo histórico e da sua localização a dinâmica econômica inclui o reconhecimento da atividade de pesca. E quanto a representação política e organizacional da Vila Geladinho I se encontra vinculada a Colônia de pesca de Marabá e reconhecida como comunidade ribeirinha.

A Vila Geladinho I se encontra nas proximidades do bairro São Félix I, cortado pela rodovia PA 222, faz parte de um espaço que envolve um conjunto de outras localidades, Vilas, Projetos de Assentamentos (P.A.s). E que melhor será tratado na dinâmica de formação do lugar, e sendo importante para conhecer melhor essa configuração do território mediante o contexto da região e do município de Marabá, e como local destapesquisa.

Ademais, conhecer a dinâmica de configuração da área em que se encontra a Vila Geladinho permite adentrar na discussão da história de formação e aspecto da dinâmica sociocultural, e que são acionadas pelas narrativas em foco neste trabalho.

A aproximação dessa realidade local com interesse de pesquisa se deu a partir da

realização do primeiro Tempo Espaço Localidade (T.E.L) ou Tempo Comunidade (TC), da alternância pedagógica do curso em Licenciatura em Educação do Campo. Com a realização da Pesquisa Socioeducacional - componente curricular formador da posposta do curso e instituído como princípio formativo – pude realizar um levantamento preliminar acerca da trajetória e de histórias de vida na comunidade.

Por essa ocasião e em contato com a comunidade despertou-me interesse para abordagem da temática da pesca e a partir dela a dinâmica social, nas atividades desenvolvidas durante o processo formativo na graduação. Porém, essa ideia só foi amadurecida aos poucos e a escolha melhor definida para desenvolvimento como trabalho de conclusão do curso.

Ainda, por ocasião da Pesquisa Socioeducacional durante o primeiro Tempo Comunidade (TC) foi possível obter relatos de pessoas da Vila Geladinho a respeito da pesca artesanal. E isto é, de que maneira praticavam no passado e de como se procede essa prática no presente. E permite conhecer a dinâmica social e as percepções a comunidade, sobre sua história e as relações atuais.

Entender esse processo mediante as experiências e relatos acerca do presente e com foco para a memória dessas práticas se mostrou interessante. E em consonância com as discussões da Educação do Campo e os princípios que orientam para práticas educativas contextualizadas, e, portanto, atenta para a compreensão das realidades locais.

A propósito do interesse de pesquisa, os princípios e concepções que orientam a formação em Educação do Campo são tomados como referência e têm um relevante papel ao contribuir para conhecer essa realidade, seus agentes sociais, com suas histórias e saberes. E a partir da dinâmica e do processo social empreendido tem em perspectiva a valorização do vivenciado e da realidade local (PPC- LEPC/UNIFESSPA, 2018).

Aliado a uma abordagem etnográfica significa um acercamento da realidade como base para o conhecimento de maneira a aprender o “saber narrativo” e as evidências do cotidiano da comunidade. E nesse sentido, a descrição tem grande centralidade na abordagem da realidade, e nesse caso em duas direções. Como representação oral por meio das narrativas diretas dos entrevistados. E como forma de exposição dessas narrativas, do observado e vivenciado em campo e apresentadas no interesse que resultem “novas descrições”, no processo de produção do conhecimento.

Mariza Peirano, considerando as descrições em perspectiva etnográfica, argumenta que a antropologia não se reduz “a meras descrições grosseiras”, mas resultante “de um feedback entre pesquisa e teoria, que se travava em duas direções complementares - primeiro, no sentido da especificidade do caso concreto e, segundo, no caráter mais universal da sua

manifestação.”(PEIRANO, 2008, p. 06).

Durante as pesquisas do primeiro Tempo Espaço Localidade (T.E.L) foi observado que a comunidade não dispunha de registros escritos acerca de sua história e mediante a inexistência e o propósito de levantamento como ação da Pesquisa Socioeducacional houve a iniciativa de elaboração de uma escrita sobre a trajetória “ etno-histórica” da comunidade.

O que também se mostrou necessário e de interesse por parte dos membros da comunidade. E que passaram a ressaltar as narrativas como meio de contar sobre suas experiências e práticas. E pondo em destaque questões sobre a pesca artesanal desenvolvida no Geladinho.

A proposta de abordagem da formação histórica da Vila Geladinho teve como ponto de partida os levantamentos feitos por meio da Pesquisa Socioeducacional na Educação do Campo voltados a produções de fontes orais e dados referentes a um histórico da comunidade. E, igualmente, a teve como referência as falas dos membros da comunidade no decorrer da pesquisa. E ocasião em que foi discutido com os mesmos da possibilidade da produção de material que contemplasse a trajetória histórica do lugar a partir das suas narrativas.

No processo de realização do Tempo Espaço Comunidade da alternância pedagógica e da Pesquisa Socioeducacional como parte do processo formativo. E coadunado com o interesse dos próprios membros da Vila Geladinho, em participar e fornecer elementos para os registros que desse corpo a um apanhado da história da comunidade.

Esse tema de interesse para essa pesquisa, também chamava a atenção das pessoas contatadas na Vila Geladinho, orientada para o reconhecimento e visibilidade e importância histórica da localidade. E como ficava destacado na compreensão do grupo.

De maneira que a partir disso e juntamente com as pessoas mais antigas do lugar foi feito um levantamento de fontes orais na perspectiva de trazer elementos da trajetória da Vila Geladinho. E para qual as narrativas foram tomadas como principais referências, naquele levantamento inicial e para esta pesquisa.

Numa primeira investida em busca de dados sobre a comunidade, incluindo arquivos, bibliotecas nada constava acerca do lugar. Em face disso, tendo como foco a história oral a atenção se centrou nas entrevistas. E entre as primeiras pessoas entrevistadas estiveram dona Maria Madalena da Conceição Pereira, Dimar dos Reis Alves e Albertina da Silva Guedes.

Posteriormente, e para este trabalho foram entrevistados outros agentes sociais, homens , mulheres, jovens e adultos. Constituindo um total de 12 pessoas entrevistadas, com as quais se efetuou gravações de áudio. Além dessas, com outras se realizou conversas informais com

registros de apontamentos. De modo, com registros de informações acerca da comunidade e mais especificamente da pesca.

Metodologicamente, o interesse na história oral com o uso da técnica de entrevista é tomado como referência neste trabalho à medida que permitem a formulação de narrativas e acesso a memória acerca da história e práticas socioculturais do grupo.

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (DELGADO, 2003, p. 19).

Por meio da história oral e com técnicas de entrevista este trabalho recorre a perspectiva de história de vida. Assim sendo, as entrevistas realizadas procuram registrar aspectos biográficos e quais são trazidas ao apresentar em caráter biográfico os narradores que passam assinalar descritivamente as questões acerca do “tempo”, “lugar”, das experiências e das relações (PEIRANO, 2008, p. 7).

Nesse ponto, as narrativas como forma de comunicação permitem maior apreensão da realidade com seus signos e significados por meio da escrita. E em perspectiva de uma etnografia baseada na “possibilidade de detectar, de forma analítica, a eficácia social das ações das pessoas” (PEIRANO, 2008, p. 6).

Essas entrevistas permitiram descrever um conjunto de situações do processo de constituição da comunidade e da pesca artesanal, com foco na memória e experiências sociais do presente.

No que concerne a dinâmica sociocultural do Geladinho, esta abordagem contempla, mais enfocadamente a pesca artesanal. Numa compreensão de que, para além do caráter econômico, ela se constitui numa prática que engendra elementos socioculturais.

E nesse sentido, perpassa a vida da comunidade e se destaca nas narrativas sendo atribuída, percepções, e sendo de grande valor para aqueles que já praticaram e os que ainda praticam. E seja estas práticas da pesca artesanal tem como característica de tecnologias simples, como uso de instrumentos denominados de apetrechos. (Silva et al., 2016, p.196).

Na comunidade homens, mulheres e jovens realizam a pesca como meio de garantir a reprodução social da existência. Nessas práticas, saberes são repassados e experiências vivenciadas. E isso, ainda que atravessada por mudanças, assinaladas pela diminuição nos recursos da pesca e dificuldades de continuidades da prática por questões de diminuição do pescado, problemas relacionados ao meio ambiente entre outros. Conforme apontado pelos membros da comunidade.

Aprofundando a metodologia adotada na pesquisa socioeducacional este trabalho utiliza fontes orais, narrativas obtidas por meio de entrevistas e conversas informais com pescadores e demais membros da comunidade. E adota uma abordagem etnográfica com foco nos relatos e observações de campo.

Este trabalho se organiza em três capítulos no primeiro capítulo trata-se de apresentar a comunidade e a história da Vila Geladinho. Em que se discute da trajetória e formação histórica levantada na pesquisa e no contexto de pesquisa na Educação do Campo. E ressalta as experiências, as memórias sobre a pesca artesanal por homens e mulheres. Também discutida com enfoque nas percepções e narrativas dos jovens da comunidade.

No segundo capítulo propõe-se apresentar as práticas da pesca artesanal e discutir essas experiências a partir da memória e narrativas do presente que tratam das práticas, dos saberes e das relações em torno dessa prática.

O terceiro capítulo discute quais as percepções dos jovens no que diz respeito a prática da pesca artesanal na comunidade. Ademais, fazendo uma reflexão no que diz respeito a importância dessa prática na Vila Geladinho e de suas experiências. As narrativas de referência desta pesquisa são tomadas da realidade e em diálogo com a literatura, em perspectiva das traduções dos registros das experiências retidas, contém a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações.

Dialogamos com alguns autores aqui apresentados, mas que não se resume somente entre estes. Mariza Peirano, para chamar atenção sobre etnografia. Lucília de Almeida Delgado, discute a memória dos sujeitos, Thelma Spindola e Rosangela Santos, dão enfoque a história de vida nas quais elas descrevem que é uma modalidade de estudo em abordagem qualitativa sociais perpassados em diferentes temporalidades. Anelino Silva discute sobre a pesca artesanal no seu significado cultural. Sobre conflitos e as questões organizações dos camponeses destacou-se Jean Hébert.

Portanto, com a pesquisa se propõe entender a trajetória e processo de formação histórica da comunidade, em contexto de pesquisa na Educação do Campo. E a medida que desde do início dos levantamentos se notou uma lacuna acerca das fontes e produções sobre a

comunidade. Assim como se orientar a conhecer essa realidade no que propícia aprendizados e ferramentas para atuar nessa perspectiva de uma educação contextualizada.

CAPÍTULO I

VILA GELADINHO: TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO HISTÓRICA EM CONTEXTO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

1.1 Entre a violência e a existência: O processo de formação sócio-histórica da Vila Geladinho a partir das narrativas das mulheres

A dinâmica sociocultural da Vila Geladinho pode ser melhor entendida através das narrativas locais. Isto é, termos da perspectiva adotada neste trabalho, no interesse de entender trajetória e processo de formação histórica da comunidade, em contexto de pesquisa na Educação do Campo. E a medida que desde do início dos levantamentos se notou uma lacuna acerca das fontes e produções acerca da comunidade.

O primeiro contato com a Vila mediante o interesse de investigação, se deu para a realização da Pesquisa Socioeducacional I, foi constatado que a comunidade não dispunha de registros escritos acerca de sua história e formação. No âmbito da Educação do Campo a Pesquisa Socioeducacional I enquanto componente curricular propõe a produção de fontes orais sobre trajetórias de vida dos agentes sociais, e da localidade, objetivando a construção de narrativas de experiências de vida, tanto no que tange à aspectos individuais, como também de experiências parte do processo de uma coletividade. (LPEC/UNIFESSPA, 2018, p.3) ¹

Nesse âmbito da Pesquisa Socioeducacional I e no curso de Educação do Campo de acordo com que propõe o Projeto Pedagógico do Curso – PPC, a história de vida constitui uma ferramenta metodológica fundamental. Por onde os depoimentos permitem a elaboração de narrativas objetivando a reconstrução de trajetórias e do vivido tanto no passado, como no presente. (LPEC/UNIFESSPA, 2018, p. 3).

O que concerne o método história de vida possibilita o estudo sobre a vida das pessoas, em como adentrar em suas trajetórias de vida, ou histórica, buscando compreender as relações que estabelece ao longo de suas vidas. E assim o cotidiano dos agentes sociais é retratado por meio das suas histórias de vida.

Dado a estas questões vale ressaltar que a etnografia constitui referência para o processo de apresentação e análise das situações em que estas histórias se inscrevem. Mariza Peirano destaca que a etnografia está presente no dia-a-dia tanto das academias, sala de aulas, nas trocas com professores e alunos, nos debates especialmente no que diz respeito nas transformações em “fatos etnográficos”. Nessa percepção, a etnografia não é apenas um método, mas sim uma forma de ouvir e também de interpretar. (PEIRANO, 2008, p. 4).

¹ Roteiro da Pesquisa **Socioeducacional I - Histórias Locais: Histórias de vida e comunidade**. Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA, 2018, 10p.

E no “que concerne a pesquisa ela não pode simplesmente repetir o que se ouviu e sim ela precisa ser contextualizada, precisa interpretar, traduzir, elaborar, dialogar. E assim sendo ela precisa ser sequencial em frases, parágrafos, capítulos o que tal ação foi desenvolvida.”(PEIRANO, 2008, p.9).

Para essa abordagem dos elementos que caracterizam o processo formativo da Vila Geladinho as narrativas com elementos de história de vida são tomadas de maneira que através delas se tem acesso a memória acerca da comunidade e dos aspectos que remetem ao passado. Bem como, oferecem referências do presente.

Ademais a autora fala do trabalho de campo e que concerne no diálogo e depois na escrita etnográfica, “a qual tem a intenção de comunicar o leitor (convencê-lo) de sua experiência e sua interpretação” (PEIRANO, 2008, p. 7).

Os relatos, nesse sentido informam e permitem descrever as práticas sociais e culturais do grupo sob vários aspectos da vida e das relações sociais nesse espaço e no contexto da região. Para tanto, a cartografia do lugar diz não só da localização, mas aponta para a configuração, as modificações e um processo sociocultural e que se marca pela luta social pelo estabelecimento, permanência no lugar, e em decorrência a sua formação.

A Vila Geladinho se encontra localizada no município de Marabá, a sudeste do estado do Pará. A localidade esta à margem direita do rio Tocantins, se encontra situada acerca de 17 quilômetros da sede do município de Marabá. Tem em seu entorno e proximidades, os bairros São Félix, Morada Nova e a Vila Murú-murú. Englobados na mesorregião do sudeste paraense e microrregião de Marabá. E com uma população estimada em 1.500 famílias, de acordo com relatos dos membros mais antigos da comunidade.

Figura 2: Vila Geladinho, avenida Estevam



Fonte: Vanda do Rosario Oliveira, 2020

Para entender o que compreende o local da pesquisa é importante atentar a configuração social e formal do lugar. A grande área cortada pelo igarapé Geladinho do qual provém sua nomenclatura é constituída por 11 Projetos de Assentamentos (P.As) demarcados pelo INCRA. Entretanto, a parte do Geladinho onde se formou a primeira Vila da área, é também conhecida por Vila I, que também se encontrava na área da dita fazenda, ela não foi regularizada.

Essa parte do Geladinho a qual essa pesquisa foi realizada, foi inicialmente demarcada pelo INCRA durante o processo que resultou na destinação de 30 alqueires de terras. As mesmas adquiridas por compra feita pelo prefeito da época Nagib Mutram e destinada ao INCRA para a realização dos cortes em lotes de 5 alqueires cada, a serem destinadas as pessoas estabelecidas na área.

Entretanto, o INCRA não efetivou a entrega. E a pedido dos membros da comunidade à Colônia de Pesca de Marabá, a Z-30, isso ocorreu na década de 90 na pessoa do presidente “vulgo Bibi” este passou a fazer a regularização e entregar os lotes, nos quais eram em trocas de venda do pagamento de mensalidades e compras de pescados. Demarcando os lotes com o logotipo da colônia Z-30, feito com pedras de concreto, em que se identificava como a demarcação. Com isso a Vila em termos representativos passa a ser reconhecida pela atribuição de comunidade ribeirinha.

Assim sendo, a nomenclatura Geladinho compreende a todos os 11 Projetos de assentamentos constituídos na área. Estes P.As foram criados após um grupo de pessoas que residiam na área terem adquirido 30 alqueires de terra, mediante reivindicações e pressão sobre o governo municipal.

Diante das mobilizações, que parte de uma fazenda denominada Sabino São Pedro foi desmembrada e disponibilizada para fins de criação dos P.As. Os quais constam nos documentos oficiais do INCRA. E como citado foi nesse processo que a parte onde se formou a primeira Vila, chamada de Vila I ou somente Geladinho ficou de fora da demarcação enquanto Projetos de Assentamento.

Segundo os entrevistados isso se deu pelo fato de ter havido tantos conflitos no início, nessa parte. E talvez tenha sido uma estratégia do governo de tentar silenciar esse período fatídico da história da localidade. Quando houve intensos conflitos, em que posseiros perderam a vida. Com muitos dos acontecimentos que marcaram a história local.

A área então tendo sido demarcada,mas não regularizada pelo INCRA, foi importante,para os agentes sociais que ali estavam,pois dessa não regularização oficial pelo INCRA possibilitou mais tarde algumas estratégias de permanência no local que esses agentes sociais enquanto grupo articularam para suas possíveis permanência.

Sendo posteriormente estrategicamente, demarcada e reconhecida pela Colônia de pesca de Marabá, a Z-30. E segundo relatos, com vista a implantar açudes para a criação de peixes na localidade. E, futuramente, atuar na produção de pescado, na intenção de alavancar esta economia e manter o pescado quando estivesse em extinção ou no período do defeso, por ocasião da piracema², época de reprodução das espécies.

A constituição inicial da Vila I ou dessa parte do Geladinho onde se dá a pesquisa, ocorreu numa área parte da antiga fazenda nomeada e denominada Sabino São Pedro. Um lugar com muitos castanhais, cupuaçu, açaí e babaçuais. Uma área de “muitas matas” como destaca dona Dimar dos Reis,2017.

Na compreensão da comunidade o Geladinho se dá mediante toda a área extensa sendo apenas um Geladinho, embora existam essas divisões formais que consituí os assentamentos regulazidos pelo INCRA e a parte regularizada pela Z-30, em que se configura toda numa grande extensão de terra é identificada apenas como sendo Geladinho.

² Piracema ou período de defeso. Entre o período de outubro e fevereiro, diversas espécies continentais entram no período de defeso. O defeso é uma medida preventiva que visa proteger os organismos aquáticos durante as fases mais críticas de seus ciclos de vida a fim de garantir a reprodução de espécies nativas ou ainda de seu maior crescimento.

A parte do Geladinho em que se concentra o estudo se trata dessa parte de formação da primeira Vila de fato ou Vila I. Mas que neste trabalho sempre será identificada como no cotidiano, como Vila Geladinho ou somente Geladinho. E em que somente a dinâmica social e de configuração do espaço e dos processos formais e registros alusivos a criação da Vila, é nas diversas experiências e pelo vivido em comunidade que são destacados mediante as narrativas.

Com esse foco se dá a construção dessa escrita com foco na trajetória e formação histórica da Vila Geladinho. Com apresentação, subsidiada pelas narrativas dos entrevistados para esta pesquisa.

O nome Geladinho se dá em referência ao igarapé de mesmo nome e forma uma importante bacia com diferentes unidades do ponto de vista geomorfológico (Conde, Silva, Vidal, 2018). O igarapé que corta os fundos da Vila para além dos aspectos físicos e que gera atenção, pela percepção da comunidade para o fato das águas serem “muito gelada” e da origem ao topônimo. Também configura parte de uma área com para qual se trata com atenção nas experiências socioculturais.

Como mencionado no primeiro levantamento acerca da Vila não foram encontrados documentos oficiais e bibliografias que remetesse ao processo ou mesmo a um marco de formação da comunidade. E pelos quais se registrasse esses acontecimentos, com isso e mediante o interesse da pesquisa passou-se a juntamente com os membros da comunidade foi realizado o levantamento de dados e registros no interesse num histórico da comunidade.

Esses registros constituem, sobretudo, um conjunto de entrevista cujos registros e as narrativas formuladas pelos agentes sociais dão aporte de base de dados para esta discussão. E os relataram e trazem à tona para esta escrita, e reescrita (PEIRANO, 2008), suas memórias, o vivido e acerca de como a Vila se constituiu. Assim sendo o que marcou seu processo de formação e nessas trajetórias as situações vivenciadas.

Considerando as narrativas e a constituição da Vila Geladinho, desde a chegada dos primeiros posseiros, na área a comunidade foi se constituindo por pessoas e famílias migrantes oriundos de diferentes estados do Brasil, a exemplo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Maranhão. Além daqueles deslocados no próprio estado do Pará, de municípios como São João do Araguaia, São Domingos do Araguaia e Itupiranga. E como é o caso e lugares de origem de vários dos entrevistados para este trabalho e como se vai apontar.

Segundo Thelma Spindola e Rosangela Santos “a história de vida é uma modalidade de estudo em abordagem qualitativa sociais perpassados em diferentes temporalidades.” (SPINDOLA, SANTOS, 2003, p.121). Sendo assim, esse método ressalta a importância dos

momentos históricos vivenciados pelos agentes sociais e adentra as narrativas nesse sentido, e na história de vida dos entrevistados.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.(SPINDOLA, SANTOS, 2003, p.120).

Como se tem discutido nesse campo, a utilização da história de vida como abordagem metodológica, vem se desenvolvendo continuamente: “A história de vida foi introduzida no meio acadêmico, em 1920, pela escola de Chicago e desenvolvida por Znaniescki, na Polônia. Mas a partir da década de 60, que esse método de pesquisa estabeleceu suas estratégias de análise, constituindo em método de coleta de dados do homem em seu contexto com as relações sociais.” (SPINDOLA, SANTOS, 2003, p.121).

Portanto, “o método história de vida procura apreender os elementos gerais contidos nas entrevistas das pessoas, não objetivando, contudo, analisar suas potencialidades históricas. No que tange a história de vida, por mais particular que sejam, são sempre relatos de práticas sociais, das quais o indivíduo se insere no mundo.” (SPINDOLA, SANTOS,2003, p.121).

O relato de dona Dimar dos Reis, por exemplo, é significativo no que reflete bem esse processo da história e luta do ponto de vista das mulheres da comunidade. Dimar Alves dos Reis veio do estado do Maranhão na década de 50, seu pai era mascate³ e ela já se criou na Vila, onde constituiu matrimônio e teve cinco filhos.

Ressalta que criou os filhos e netos realizando a extração de coco babaçu, e atividade, da pesca. Além disso trabalhava na calafetagem.⁴

³ Mascate mercador ambulante,vendedor que oferece mercadorias em domicílios.

⁴ Calafetagem um termo local utilizado para se referir ao concerto de barcos e canoas.As categorias locais são chamadas na antropologia, de “categorias âmicas.”Elas se dividem em duas:categorias empíricas e categorias tericas.Calafetagem é uma categoria empírica.

de balsas e canoas. E afirma que ela e o esposo conseguiam o sustento dentro das matas e das águas. E, seja o marido era pescador artesanal e anos mais tarde foi assassinado por conta da onda de violência que vigorava no início da formação da comunidade.

O que para dona Dimar foi um momento de muito sofrimento ao lembrar desse episódio, foi perceptível o quanto ela se emocionou ao lembrar desse fatídico acontecimento. Pois a violência era um fator que dominava o local no início de sua formação histórica, o marido foi assassinado em prol da luta pela terra objetivando um lugar para ele e sua família.

Isso fez com que dona Dimar dos Reis logo assumisse a criação dos filhos sozinha, e para tanto, como destaca, passava horas nas fazendas das cercanias colhendo frutos de coco babaçu. E que empregava para extração de azeite e que logo em seguida esses óleos tinham destino garantido, o núcleo urbano de Marabá, ou Marabá Pioneira para onde vendia. E como descreve como procedia a prática extrativa.

Vendia! Era, nós apanhava, ia lá pras quintas do velho Zé Brito, quebrava o coco, o dia todinho. Quando era sexta-feira as mulheres todinhas, as nossas colegas, cada qual nas suas casas, tudo unida tirava aquele azeite, nos outros dias, botava(...), sábado, dentro do saco, na cabeça, e ia pro São Félix pegar a balsa pra ir. Quando não era de motor, nós falava o motor vinha pegar nós aqui. Dimar Reis, 2017.

“Na vida na comunidade e do trabalho Dimar dos Reis também relata que, dos filhos que teve, a maioria são pescadores artesanais”. Assim também como alguns de seus netos os quais seguiram a trajetória na prática.

Narrativas como está e na história do Geladinho refletem bem questões referentes a luta e as dificuldades que as famílias constituídas em grupos de camponeses posseiros, e depois ribeirinhos, entre outros travaram e travam na luta pela posse de terras no município de Marabá e na região sudeste do Pará.

No que tange as lutas camponesas na região de Marabá, elas se compuseram das lutas pela posse da terra, em confrontos com latifundiários que dispunham de grandes extensões de terra em apropriação das denominadas glebas. Isto sob um regime de distribuição “oficial, que privilegiava explicitamente a grandes propriedades, as áreas reservadas respectivamente para as grandes fazendas (as chamadas “glebas”). (HÉBETTE, 2002, p. 207).

Na história do Geladinho se destaca nas linhas narrativas a presença de grandes fazendeiros que dispunham de grandes extensões de terras em seu domínio, nas denominadas glebas onde chegaram e fizeram o cercamento dessas áreas consideradas devolutas e se denominaram donos de toda a área.

Na área do Geladinho, era possível se questionar como o fazem duas entrevistadas, uma única pessoa se apoderar de 45.000 00 alqueires de posse da terra, enquanto uma parcela da população necessitada não dispunha de nenhum alqueires de terra para garantir sua reprodução social.

Os relatos assinalam que as famílias que se dirigiram ao local em busca de se estabelecer e sem dispor da terra padeciam em desventura no local. A exemplo, a área da dita fazenda Sabino São Pedro era mantida cercada com milhares de alqueires de terra, sob o domínio de Manoel Ferreira que se intitulava dono. Muito embora as alegações de parte da comunidade e expostos nos relatos, de que se tratavam de terras devolutas, como destaca dona Dimar dos Reis e que diz: ‘isso tudo aqui era do município, e o velho Manoel Ferreira dizia que era dono, negativo isso tudo era do município.’

E muitas vezes essas pessoas eram exploradas nas fazendas de castanhais existente na época. A exploração de mão de obra barata era uma prática muito corrente no local, e isso pode ter repercutido para que os posseiros que buscavam se manter em autonomia e assegurar um lugar para as famílias reagissem de forma a não se deixar ser objeto de exploração.

Nessa situação levou muitos desses agentes sociais chegados na localidade a travarem lutas em disputas por melhores condições de vida. Nos relatos acerca dessa questão dona Dimar dos Reis ressalta que os posseiros não podiam aceitar ser explorados, advertindo, ainda, que “por uma pessoa que não era dono de absolutamente nada, como era o caso de Manoel Ferreira” e que se dizia dono de toda a área.

Nessa área de situações de conflitos aonde muitos chegaram a ser tombados por morte, como foi o caso dos posseiros, como eram chamados e chegados inicialmente na área em busca pela terra.

Diante disso, e como meio de garantir a permanência no lugar tiveram de ser adotadas algumas estratégias para se manterem no local. Uma das maneiras apontadas como necessária foi a aliança com a associação de bairros próximos da Vila Geladinho. E para assim terem forças de lutarem por um pedaço de terra, mas também garantir melhores condições de vida.

As terras que eram reivindicadas eram em condições de terras devolutas, as quais os fazendeiros da época obtinham concessões apenas para exploração de castanhas, e se intitulava donos. Nessa situação de luta e reivindicação para os posseiros contar com apoios tanto de organizações como a associação como outras forças políticas locais era uma forma de garantir a permanência no local e resistir a exploração. Como destaca Dimar dos Reis.

(...)quando a gente chegou aqui, (...) eu era pequena, meu pai era mascate no Maranhão, mas aqui ele trabalhava nas fazendas de castanha, ganhava muito pouco, o povo enrolava no dinheiro, não pagava o seu dia de trabalho como era combinado e você tinha que aceitar ou então você tinha que enfrentar a fúria do fazendeiro (...). Que se dizia dono de toda essa terra, mas a gente sabia que era tudo do município, ou terra sem dono. A gente tinha que se aliar as pessoas, associação e os políticos, se não a gente não conseguia nada. Dimar dos Reis, 2017.

Em se tratando dos conflitos estabelecidos na disputa pela terra, dona Maria Madalena Pereira da Conceição chegou ao local na década de 80 com o seu esposo ambos vindo de Goiás, afirma que em certa ocasião o fazendeiro que reivindicava o domínio do local mandou queimar as casas dos posseiros. Em decorrência desse episódio muitos abandonaram o local e foram embora temendo por suas vidas.

Com esse acontecimento muitos abandonaram de fato o local temendo por mais violência dessa natureza. Uma vez que as primeiras ameaças haviam se concretizado. Outros além de temerem pela violência, também foram embora por questões de logísticas para ficar num lugar considerado totalmente inóspito.

A formação da Vila Geladinho se ver atravessada por essas questões dos conflitos e resulta da luta social e empreendida pelos chamados antigos posseiros, que sofreram violências, resistiram e permaneceram no lugar.

Segundo relatos os primeiros posseiros que chegaram à Vila montaram acampamento ainda na margem direita do Rio Tocantins. Entretanto o fazendeiro que se intitulava dono da fazenda Sabino São Pedro não satisfeito com a presença deles, os ameaçou queimar os barracos. Ainda assim, os posseiros não recuaram e permaneceram no local, quando o fazendeiro então ordenou a seus capangas atearem fogo nos barracos, conforme ameaçara.

Sobre a trajetória da Vila Geladinho as narrativas como de dona Maria Madalena Pereira da Conceição e Dimar Alves dos Reis informam acerca das dificuldades enfrentadas pela comunidade para ali se estabelecer. Nessas narrativas se destacam as situações de conflitos pela posse das terras e as situações de exploração. Questões que ficam marcadas nas experiências e produção bibliográfica sobre a região, e como discute Jean Hébette (2002).

Na área de Marabá, como, já foi aludido, as lideranças camponesas nasceram das lutas pela posse da terra, em confronto com latifúndios e os especuladores fundiários; participaram da ocupação de terras públicas aforadas pelo Estado e convertidos pelas oligarquias locais em propriedades; sofreram as humilhações dos pistoleiros, as prisões e assassinatos. (HÉBETTE, 2002. p. 214).

Maria Madalena Pereira da Conceição como já foi exposto acima veio de Sitio Novo do Goiás na década de 80, era esposa do senhor Estevam Pereira também do Goiás, era agricultor e pescador,

já falecido. Ademais, se identificava como um posseiro e que foi uma das pessoas apontadas como das mais importante na história de formação da Vila Geladinho. Sua atuação se deu no que diz respeito a buscar melhorias para a comunidade para qual se relata que “não media esforços” e para isso buscou aliança com políticos e entidades em busca de parceria para o local.

Assim que, muitas das conquistas existente hoje na comunidade são atribuídas à atuação e luta do seu Estevam. Dada a essa atuação na comunidade, após sua morte, houve por parte da prefeitura de Marabá uma homenagem pela qual designando a principal rua da Vila como Avenida Estevam.

Mas de acordo com relatos com a chegada de outras pessoas como seu Estevam na década de 1980 levou a uma permanência mais continua no local. De acordo com as informações seu Estevam firmou pé de que não sairia do lugar, e isso motivou outras pessoas a permanecerem.

Como se disse um dos posseiros que decidiram se manter firme e permanente na área foi seu Estevam ele e a esposa Maria Madalena Conceição narra que, após esse primeiro contato com a área retorna para Goiás e somente seu Estevam Pereira permaneceu no local para fazer a ocupação da área. A partir desse momento outras pessoas também foram chegando e ocupando o local e passaram a construir suas casas. Madalena e seu Estevam tiveram cinco filhos os quais criaram todos na Vila, sendo que 4 deles já nasceram na localidade.

Dona Madalena, ou dona Madá, como é carinhosamente chamada por todos que a conhecem, se constituiu uma figura muito importante para a comunidade. Ela juntamente com o seu esposo atuou para muitas melhorias que ocorrem no local. Ela foi a primeira merendeira da escola da comunidade, Joel Pereira Cunha, e continua sendo, até o momento desta pesquisa. Também atua na evangelização dentro da comunidade a mais de 18 anos, do que muito a orgulha e a torna bastante conhecida.

No início da formação da Vila Geladinho e no que diz respeito às necessidades básicas e de garantia das condições de cidadania, as condições eram bastantes difíceis. O grupo não dispunha de energia elétrica, estrada e escola. E, quando a oferta desses serviços parecia estar longe de conta com apoio dos poderes municipais e estaduais.

E ainda sofriam com outras dificuldades e em decorrências de ameaças e violências, por parte do fazendeiro que se intitulava dono da fazenda Sabino São Pedro. Resultando que dessa ameaça constante, perdas, queima dos barracos dos posseiros, e houve que em certa ocasião veio a óbito algumas pessoas, destaca dona Madalena Pereira da Conceição.

...o fazendeiro não teve pena, mandou queimar os barracos, ele não teve pena, aliás esse povo que tem dinheiro não tem pena de pobre. Toda vida a gente lutou, sofreu, tudo que a gente conseguia ele destruía. A gente plantava as hortaliças nas vazantes⁵ do rio, ele ia lá, e destruía todo mundo tinha medo. Madalena, 2017.

Após esses acontecimentos com intensa violência e ameaça da vida que levou os chamados primeiros posseiros saírem do local, e de todos os problemas que provocava dificuldade de permanência. “Vale ressaltar que, de acordo com os testemunhos, isso ocorreu por volta de 1940.”

Nas décadas seguintes e depois do período mais intenso de violência que resultou na queima dos barracos, muitos dos que se chegavam na área se instalavam no local mais não permaneciam por muito tempo, dadas as diversas dificuldades.

O local então se constituía por um bom tempo como uma espécie de acampamento com rotação de pessoas que vinham e iam embora. E mantinha-se na maior parte do tempo quase abandonado, pois essas questões faziam com que as pessoas retornassem para os seus lugares de origem ou procurasse outro local para montar acampamento.

Em seguida fundaram a associação de moradores, realizaram suas plantações. E dessa maneira contrariando o então fazendeiro que reagiu de maneira violenta com ameaças. Vale destacar que as ameaças vinham de outra figura, pois o primeiro fazendeiro do momento das primeiras ocupações já havia falecido. E então por essa época, nos anos 1980 era o filho do primeiro fazendeiro de quem herdou as terras que permanecia no local. E com as mesmas atitudes do seu pai.

De modo que as ameaças permaneceram como já havia acontecido anteriormente, o que de fato aconteceu, mas uma vez, interferindo para que alguns dos posseiros fosse novamente embora do local. Após anos o lugar permanecia com quantitativo muito pequeno de pessoas, mas seu Estevam não estava disposto a recuar. E que parece sugerir para sua atuação como ficou conhecida no esforço para com a organização e melhorias dessa localidade do Geladinho.

No início e por algum tempo em termos de condução política das demandas locais ainda não existia a associação de moradores, assim sem uma referência organizativa o alcance dos serviços e melhoria se torna muito mais difícil. Assim que, mediante a estas situações em determinado momento muitas pessoas ainda continuavam a deixar a localidade. Outros ainda buscavam se manter na área, porém mais adiante se deslocavam também, mas de fato a localidade nunca permaneceu totalmente sem ninguém.

⁵ “Vazante” faz parte da dinâmica sociocultural local. É uma das formas como eles/elas produzem a existência material: articulando a produção agrícola com os períodos de seca do rio.

Os que decidiram permanecer na área ainda, não conseguiam avançar para o desenvolvimento e consolidar sua permanência. Pois ainda nesse momento o local era marcado por ameaças de fazendeiros. Assim que, para se esconder e por temerem por suas vidas, muitas das pessoas passavam o dia na localidade e a noite se deslocavam para o bairro São Félix I, para casa de parentes e amigos. E como forma de se protegerem em decorrência das ameaças por parte dos fazendeiros da área.

Nesse processo, entre os problemas que motivaram as dificuldades de se estabelecer no local e os deslocamentos, e ainda marcados na memória dos membros da comunidade e que marcou a trajetória da Vila está o acesso a transportes e locomoção na área para a cidade de Marabá e região. Segundo os relatos a única maneira de sair da comunidade era através de balsas com travessias através do rio Tocantins, e que ficavam ancoradas no bairro São Félix Pioneiro, hoje também conhecido por São Félix I.

Quanto a essa problemática relativa ao transporte e de acesso as balsas em São Félix Pioneiro, dona Dimar dos Reis relata que para chegar até o porto da balsa era necessário se deslocar do Geladinho por canoas a remo até o porto onde se encontrava a balsa, e daí seguir viagem. Ademais, o custo de passagem na balsa era considerado muito caro, assim sendo a maioria dos moradores reclamava não haver condições de garantir o contínuo pagamento para cada vez que necessitavam se deslocar.

Assim sendo, estas dificuldades e de acesso por falta de estradas é indicado como um dos fatores para que muitas pessoas deixassem a Vila Geladinho. E isso se deu basicamente por um bom tempo com os grupos que se estabeleceram no local.

...Pra chegar até o São Felix nos ia de canoa, à cada 15 dias pra vender o nosso óleo (...). E a gente só podia ir de 15 em 15 dias pois era muito caro a passagem, e o pessoal da balsa não tava nem aí (...), você tinha que ter o dinheiro, se não tivesse você não viajava do mesmo, jeito era pra levar os menino pra estudar, era tudo difícil demais. Dimar dos Reis, 2017.

Diante dessas situações e de acordo com dona Maria Madalena Pereira da Conceição tudo era muito difícil. Com isso a comunidade enfrentava dificuldades para se estabelecer e não avançava em sentido nenhum. Pois ninguém queria continuar morando na mesma, devido à violência existente na época, transporte, como se disse.

E além disso, a ocorrência de malária na área e que contribuía para a desistência de permanecer no local. Mas, de acordo com relatos, se aponta como fator decisivo a questão da violência que imperava na área e como destaca a entrevistada. Maria Madalena.

...A violência era muito grande, era muito difícil a gente não ficar sabendo pela boca de outras pessoas: que encontravam até dois corpos pela manhã. Tudo era muito difícil ninguém queria lutar junto com a gente, e os poucos que queria não tinham forças e logo iam embora, à comunidade não avançava(...) a gente tinha muito medo, mas precisava de um lugar pra morar. Maria Madalena, 2017.

Portanto, combinadamente essas dificuldades de transporte, falta de estradas, malária e a violência, se assomavam outros fatores contribuíram, por bastante tempo como entraves para a ocupação da área e estabelecimento da comunidade.

Os relatos de dona Dimar Alves dos Reis, Albertina da Silva Guedes, Rita Mendes e de outras mulheres contribuem para conhecer essa realidade, mas também para compreender o conhecido protagonismo dessas mulheres que sempre estiveram na luta e como parte desse processo na localidade.

Dona Albertina da Silva Guedes e Dimar dos Reis chegaram ainda criança no Geladinho, e aí permaneceram, embora, algumas saídas que chamam de rotação a fim de se manterem e se afastarem do lugar devido temerem por suas vidas, nos tempos das ameaças.

Dona Rita Mendes diferente de muitas mulheres chegou ao local já adulta e casada vinda do próprio estado do Pará vive na comunidade a mais de 40 anos. Sobre as atividades desenvolvidas, ela conta que realizava coleta de frutos, atuava na pesca, e ainda lavava roupas para alguns posseiros que não tinha esposa. Ela destaca que passava muitas horas nas matas junto com dona Dimar dos Reis e outras mulheres quebrando coco babaçu, e para tanto, a filha mais velha dela ficava em casa cuidando dos irmãos.

Dona Rita Mendes hoje é aposentada e viúva, e conta que desde que chegou ao Geladinho há muitos anos atrás, onde vive até hoje e de onde em hipótese alguma pensa em deixar o lugar. Ela também fala que sente muitas saudades das matas que existiam na localidade. E que sente saudades de quebrar o coco e extrair o azeite.

Considera que ocorrência de coco babaçu na comunidade é bem raro, assinalando para as mudanças e os desbastes das árvores. Assim que para se encontrar precisa andar muitos quilômetros, e dessa maneira a “mulher pra achar coco aqui tem que andar muito”, diz dona Rita Mendes.

Entre as narrativas obtidas se encontra a de dona Albertina da Silva Guedes, nasceu em 1932 em Imperatriz no Maranhão, e por ocasião da entrevista ela estava com 86 anos de idade. Dona Albertina era viúva, mãe de 4 filhos, sendo que dois deles vivem na Vila. É avó, viúva e aposentada, de muita lucidez e sabedoria, adorava receber as pessoas em sua casa. Relatou que chegou no Geladinho com apenas sete anos de idade vinda de Imperatriz no Maranhão no ano de 1940, com sua mãe que era viúva.

A mãe então começou a trabalhar na atividade de coleta de frutos, os quais de acordo com dona Albertina se encontravam em abundância na área. E entre eles o coco babaçu, castanha-do-pará, cupuaçu e açai.

No entanto, a permanência durou muito pouco tempo que devido, a onda de ameaças, quando ela e a mãe deixaram o Geladinho e foram para São João do Araguaia. Com isso, somente após 3 anos ela retorna para a Vila viveu até quando, infelizmente, veio a falecer, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Por ocasião da realização da entrevista era tida como das integrantes mais antiga da Vila, Porém não se encontrando neste plano, deixou informações de grande interesse e relevância para a pesquisa e a constituição do histórico da comunidade.

Figura 3: Dona Albertina da Silva Guedes, uma das integrantes mais antiga da comunidade



Fonte: Vanda do Rosário Oliveira, 2017.

Nesse contexto e no que tange a produção local as mulheres tiveram, e ainda hoje desempenham tarefas de grande importância econômica e social na Vila Geladinho. Elas desde o primeiro momento se ocupavam de atividades como a extração do coco babaçu destinado a fabricação do óleo, sabão. Outras trabalhavam como marisqueiras, lavadeiras de roupas, mas a maioria delas sustentavam a família por meio do trabalho com a extração do coco babaçu, coleta de castanha-do-pará além da pesca e dos cultivos de roças.

Essas mulheres são mães e avós tanto fizeram e ainda fazem uso dos recursos naturais disponíveis na área, e realizam a pesca artesanal para a produção da existência de suas famílias. Entre as formas de prover o sustento do grupo familiar e diante das mudanças que afetam a disponibilidade dos recursos há pessoas reconhecidas como extrativistas que se deslocam da comunidade para coletar frutos em outras localidades.

Isso devido à escassez desses recursos, a exemplo dos frutos de castanha-do Pará, açaí, cupuaçu que outrora se encontravam em abundância na área, mas que agora apresentam escassez. E isso, devido ao desmatamento, queimadas e extração de madeira, como a castanheira. Boa parte dos membros da comunidade fazem a coleta e para isso precisam se deslocar para outras Vilas no em torno.

Os jovens e adultos da comunidade que extraem o açaí e realizam outras atividades apontadas para as atividades desenvolvidas por mulheres e no âmbito da comunidade, relatam que estas práticas foram herdadas de parte de suas mães. Pois cresceram as vendo realizar. Sejam elas, coletas de frutos, pesca, roça são tarefas aprendidas no convívio familiar e no cotidiano. E como destacou, Valdeci Pereira, filho de dona Madalena, é nascido e criado no Geladinho. A quem se presta homenagem neste trabalho uma vez que já não se encontra mais nesse plano, faleceu pouco tempo depois de ter contribuído para esta pesquisa.

A trajetória e a formação sociocultural da Vila Geladinho sugerem para um conjunto de situações dos agentes sociais atuando nesse espaço que conduz com tipo de relação e produção do território.

No que tange a produção do território ele se dá mediante uso que a sociedade faz, tanto nos seus aspectos sociais como ideológicos, sendo assim os agentes sociais realizam suas ações tanto políticas, econômica-sociais, e dessa forma eles territorializam os espaços para garantir suas permanências, assim também como suas práticas'. (SILVA et al., 2016, p.194).

A dinâmica sociocultural⁶ nesse espaço da Vila Geladinho e nessa área mais ampla se observa ações e são narradas diversas experiências no território configurando as territorialidades como agricultores, extrativistas, ribeirinhos e pescadores que assinala para “a atuação” do grupo “no espaço geográfico”. (SILVA et al., 2016, p.194). E assim sendo:

E marca como “o homem necessita e define seus espaços de moradia e convivência, formando territórios individuais, coletivos ou públicos. Assim, o território é produto e reflexo da atuação dos indivíduos no espaço e no uso dos recursos naturais. Na análise das atividades realizadas pelos pescadores dos rios da Amazônia paraense, verifica-se que diversos mecanismos e/ou processos fazem parte do ordenamento espacial e das territorialidades que ocorrem nestes espaços. (SILVA et al., 2016, p. 194).

O espaço que compreende o Geladinho configura-se por relações, situações e práticas que marcam o modo de vida. E como argumenta Cristian Silva (2006) o modo de vida se territorializa quando o indivíduo se identifica com um determinado espaço, ocorrendo diversas territorialidades, em atividades humanas, como a pesca, ocorrem atividades diversificadas em um mesmo território, é o que alguns autores chamam de multiterritorialidades. (SILVA, 2006, p. 37).

No que tange ao processo de constituição da Vila Geladinho e relativo ao papel das mulheres nessa constituição as memórias os acontecimentos seguem vivos e considerado de

⁶ Dinâmica sociocultural qualquer comunidade humana apresenta uma realidade sociocultural composta por elementos diferentes entre si: língua, etnia, gastronomia, tradições populares e assim por diante.

grande importância para toda a comunidade. Pois contam que foram elas que se organizaram por diversos momentos no intuito de trazer melhorias para a comunidade. Uma das ações destacadas, como exemplo de atuação resulta do fato da primeira professora da escola ter sido a filha da dona Honorata Silva e pela atuação desta para com a comunidade.

1.2 Entre as “veredas” e a construção de outros caminhos: A luta por uma escola na/da comunidade

Dona Honorata Silva, já falecida, foi uma mulher considerada muito importante para a comunidade. Onde atuou por meio da associação de moradores do bairro São Félix I. Seu apoio a organizações e reivindicações da Vila Geladinho resultou que, ante a demanda por uma escola local sua filha, Claudiane Silva, foi a primeira professora da localidade, e voluntariamente a princípio.

A professora Claudiane hoje ainda vive no bairro São Félix, é casada e muito lembrada na comunidade pelos seus ex-alunos. Pois ao iniciar a ministrar o ensino para as crianças do lugar não recebia “absolutamente nada”, mas por inteira força de vontade de ajudar, relata dona Maria Madalena, que guarda na memória momentos como esses da história da comunidade.

Nas observações e narrativas, nota-se que as mulheres sempre tiveram importantes atuações na comunidade e âmbito familiar para garantia do sustento, pelo destacado protagonismo que sempre desempenharam. Suas atuações se deram, relacionados ao desenvolvimento do trabalho, em processos de organizações e de buscas por melhores condições de vida e de toda a comunidade.

Já seu Estevam foi um homem que se mostrou hábil no manejo das questões e atuante no processo de ocupação e no estabelecimento da comunidade. Desse modo, desde o início da ocupação a busca pela terra tinha por foco para a agricultura e manejo de pequenos animais. Mas, também percebendo as características do lugar seu Estevam buscou estratégias de reconhecimento da Vila como comunidade ribeirinha e pescadora.

Jean Hébette (2002) aponta para aqueles grupos constituídos e que remontam aos inícios do processo de colonização e que foram explorados, marginalizados se constituíram de resistência. E que sempre se renovam para além dos chamados ciclos econômicos. Ou seja, sempre que houver necessidades de se constituir, adaptar-se, e renovar-se em novos espaços e tempo, esta, sempre será uma forma de resistência das sociedades rurais. (HÉBETTE et al., 2002, p.35).

Diante de conflitos e ameaças o grupo de posseiros que ocupava a área do Geladinho se mobilizou com forte pressão que o então prefeito da época Nagib Mutram comprou 30 alqueires de terra da fazenda Sabino São Pedro e fez a doação para os posseiros, por meio da regularização fundiária. E como dito não foi efetivada pelo INCRA.

Mas, a esperança da garantia da terra e a formalização do lugar da Vila I como foi identificada nos processos de constituição dos Assentamentos na área. Assim, seu Estevam começa a articular melhorias para a então recente criada Vila I. Com isso junto com os outros

membros da comunidade, tomam a iniciativa de dividir os 30 alqueires de terra tendo como referência em duas Vilas. Sendo a Vila I, de pescadores, e a Vila II de camponeses, extrativistas e agricultores. A porção chamada de Vila II hoje incide na área do Assentamento Sabino São Pedro, onde está situada a escola Joel Pereira Cunha, que atende toda a área do Geladinho.

Essa estratégia segundo dona Madalena, sua esposa era para pressionar os poderes municipais e estaduais por melhorias para a comunidade. E para o fortalecimento da mesma, garantindo assim a permanência no local. Assim, e a partir dessas estratégias outras reivindicações foram dialogadas. A exemplo de construções da estrada, energia elétrica, escola e habitação.

Em termos organizativos, como forma de se manter e reconhecer o local, seu Estevam buscou apoio de bairros próximos, a exemplo de São Félix I. E igualmente, buscou apoio da associação local e por meio do senhor Joel Pereira Cunha, na época presidente da Associação de moradores do bairro São Félix I, já falecido. E a escola da Vila recebeu o seu nome justamente em sua homenagem, pois ele foi quem junto com o seu Estevam lutaram em busca de melhorias para a comunidade.

De modo que na época da sua morte, a própria comunidade o lembrou e reivindicou que a escola fosse nomeada em sua homenagem. Pois com sua contribuição, seu Estevam tinha dado início a constituição da Associação de Moradores da Vila Geladinho e desta com a definição de comunidade ribeirinha.

Visto que as demandas indicam para um processo de luta social e de reconhecimento da comunidade e a pesca artesanal se apresentava como principal atividade para produção da existência, e ainda que combinada dos pequenos cultivos de roça e de atividades extrativistas, que juntas somavam para a garantia da existência.

A escola da comunidade também é apontada como uma conquista desse processo de luta, por eles. Pois foi através dessa que a primeira escola da Vila foi implantada e estabelecida inicialmente na própria residência do senhor Estevam e da sua esposa Maria Madalena. A quem atuou como merendeira, ressaltando que ainda hoje ela continua sendo a merendeira da escola, tanto no turno da manhã, como a noite mediante a oferta de turma do EJA, onde é muito querida pelos estudantes. E sua parte destaca: “sempre que a comunidade precisar, estou pronta.”

A demanda da escola se deu em função das dificuldades, na época, das crianças da comunidade se deslocarem para estudar no bairro São Félix I, onde ficava a escola mais próxima do Geladinho. Portanto, a escola foi uma dentre as reivindicações que junto com outros membros da comunidade passou a buscar.

Uma escola que atendesse as crianças, pois para se deslocarem até o bairro São Félix I só

era possível através de embarcações. embarcações, balsas e canoas, o que se tornava caro para muitos pais. E em alternativa para que as crianças chegassem até a escola era caminhando pela mata existente na época. O que segundo dona Madalena, se tornava muito perigoso, o percurso pelas chamadas “veredas”, traçadas por aqueles que a utilizavam. Entretanto, para a entrevistada os perigos eram constantes, e devido muitos assassinatos que ocorria na época, na área.

...A gente ia deixar as crianças pela mata, por onde dava. Tinha menino que ia de canoa, os meu as vezes ia, as vezes não. Aqui era muito perigoso, tinha esse negócio de atacar as pessoas, a gente tinha medo, mas, as crianças precisava ir pra escola. Não tinha outro jeito não, os meus meninos sempre foi tudo sabido e eu nunca deixei eles nem um dia sem ir pra escola. Maria Madalena, 2017.

A escola Joel Pereira Cunha, da Vila Geladinho foi criada em 5 de março de 1988. Por ocasião da gestão do prefeito Aroldo Bezerra e Júlia Rosa. Com funcionamento na casa da dona Maria Madalena Pereira Conceição e do senhor Estevam Pereira.

Logo da ocasião da constituição da escola da Vila Geladinho não era ofertado a merenda escolar pelos poderes públicos. De modo que, a própria comunidade se encarregou de oferecer, assim que, as mães e pais doavam os alimentos e, também ajudavam no preparo da alimentação servida para as crianças.

O funcionamento da escola só se deu após dois anos de reivindicações por parte da comunidade. Após a escola ser criada, e isto é, sob forte pressão da comunidade, ainda teria que enfrentar outros problemas advindo nessa recém conquista. E seja a falta de professores, sendo um outro obstáculo, sem os quais ficava impedido o funcionamento da escola.

Logo que a escola instituída a prefeitura afirmava não ter condições de enviar professores para o local em função das constantes ondas de violências. Assim que, o senhor Joel Pereira Cunha junto com dona Honorata, vice presidente da Associação do bairro São Félix I não mediram esforços para contratar a primeira professora para a escola. E então a filha de dona Honorata, a Claudiane, conhecida também como professora Lene assumiu o ensino.

A escola também é assinalada como uma grande conquista para seu Estevam, pois foi através de suas lutas que a primeira escola da Vila foi criada. E a escola funcionou na casa do casal dona Madalena e Estevam até o ano de 1999, quando parte da residência cedida para funcionamento da escola desabou. E a escola então passou a funcionar em casas alugadas pela prefeitura, e por um período muito curto ela funcionou no bairro São Félix I. Período mais restrito, devido aos gastos com o transporte escolar o que para a prefeitura se tornava mais oneroso.

...A prefeitura não queria que as crianças estudassem, ficavam alegando que os gastos com o ônibus eram muito grandes. Mas a gente não desistia, nós pedia, reclamava fazia movimento a gente não deixava barato, corríamos atrás, mesmo sabendo das dificuldades a gente sempre estava disposto a lutar pela comunidade e isso era o mínimo do que a gente tinha direito uma escola pra todas as crianças. Maria Madalena, 2017.

Então a escola volta a funcionar, na própria comunidade e segue mais uma vez sendo alocada na casa de alguns membros que alugavam suas casas para a prefeitura. E após 11 anos de funcionamento dessa maneira, finalmente a escola passa a ter um prédio construído na Vila Sabino São Pedro, em 2003. Com a oferta desde o ensino básico infantil, como também o 9º ano. E conta ainda com turma do EJA. Com isso, se ressalta que a escola só foi finalmente instituída e posteriormente com prédio mediante a esse processo de reivindicações e as persistentes pressões da comunidade, juntamente e com o apoio do bairro São Félix I, que sempre manteve apoio a comunidade.

Figura 4: Escola Joel Pereira Cunha, no Geladinho



Fonte: Vanda do Rosário Oliveira, 2018.

Reiteradamente, se observa que a escola é resultado da luta da comunidade que perpassando por muitas dificuldades em buscar apoio dos órgãos públicos para obter a oferta da educação, e que atendesse a comunidade, um elemento que se constitui como base nas lutas e no processo de formação.

A escola Joel pereira Cunha atende não só essa parte do Geladinho focada da pesquisa, mas outros 11 Projetos de Assentamentos. Além do anexo na localidade do Murú-Murú. E atende também a Vila Carrapato, atento uma área significativa.

A estrada de acesso ao Geladinho também é apontada como um dos grandes problemas da época. E se tornou foco das mobilizações e reivindicações de melhorias para o local. Assim sendo, desde a solicitação também a abertura da estrada, o que segundo dona Madalena veio acontecer em 1987, e com abertura somente até a Vila Geladinho I, parte de uma grande área, onde se foca mais detido este trabalho.

Após a abertura da estrada e anos depois persistiram as reivindicações para a construção de pontes para acesso à outras localidades e Projetos de Assentamento da área. Ademais, a falta de manutenção das pontes existentes deixava as localidades e pessoas na maioria das vezes isoladas.

A exemplo disso a ponte situada no P.A Pedro Vaz onde mais ocorreu interrupções constantes com ponte quebradas e devido à falta de manutenção por parte do poder público.

Essas condições das estradas e pontes são indicadas com outras implicações, pelo fato que dificultava o escoamento da produção, resultado dos cultivos de alimentos. E a ponte do P. A Pedro Vaz só foi construída em 2016, e, isso foi após anos de reivindicações.

Figura 5: Antiga ponte de madeira no Projeto de Assentamento Pedro Vaz



Fonte: Google Maps, 2017.

Entretanto, a construção dessa ponte foi feita em madeira e não oferecia ainda condições

necessárias de tráfego. Então, para chamar a atenção dos poderes públicos os moradores atearam fogo, sempre que se apresentava em péssimas condições e sem manutenção. Com que frequentemente vinha ocasionar acidentes, com motos caindo no igarapé Geladinho e, incluso, casos de vítimas fatais. Razões pelas quais os protestos e reivindicações pela construção de uma ponte que atendesse adequadamente a demanda da comunidade.

Figura 6: Ponte atual no Projeto de Assentamento Pedro Vaz



Fonte: Vanda do Rosário Oliveira, 2018.

Assim que, finalmente em 2016 a nova ponte do P.A Pedro Vaz foi construída e entregue para a comunidade. Ainda que alguns problemas persistam na área como a falta de manutenção de ponte, vicinais, esta que são apontadas pelos descasos por parte dos poderes públicos.

Todos estes fatores são ressaltados para indicar as dificuldades que acarretam para o escoamento da produção e realização da venda dos produtos da área. E ocasionando prejuízos, à medida que os produtos acabam por ter a qualidade comprometida, como exemplo a do leite.

Sem estradas e vicinais em boas condições de uso de modo a facilitar e agilizar o transporte, esses produtos acabam por eficácia se perder, à medida que são produtos, bastante perecíveis. Para os quais se requer cuidados específicos e manuseio.

O que acaba por ocasionar prejuízos que ao invés de escoar a produção acabam por perde-

la devido as péssimas condições de estradas e vicinais.

Percebe-se no que se refere as organizações desde o princípio formativo da Vila Geladinho que elas foram constituídas com base e lutas desde os primeiros posseiros, para se estabelecerem dentro da comunidade. Elas foram marcadas com lutas, persistências e que as formas de organizações por parte desses agentes sociais foram de fundamental importância para se estabelecerem dentro do local.

CAPÍTULO II

PESCA E DINÂMICA SOCIAL NA VILA GELADINHO

2.1 Território de memórias: As imbricações da pesca nas dimensões da vida

Este capítulo tem por objetivo apresentar as práticas da pesca artesanal na Vila Geladinho e discutir essas experiências a partir das narrativas de memórias. Nesse sentido a ideia é destacar como essa prática se estabeleceu e como e se constituiu no presente como atividade produtiva, mas também enraizada na cultura.

Discutir sobre a memória da pesca artesanal na Vila Geladinho é também falar da memória da pesca artesanal, e isto é, a partir dos agentes sociais, de suas experiências trazidas em relatos que permitem conhecer mais acerca da dinâmica social e cultural e que perpassa pela história de formação da comunidade.

Com foco na história de vida tem destaque para as narrativas daqueles que integram a comunidade e vivenciam essa realidade, enquanto pescadores que contam acerca de práticas e recorrem as próprias memórias como um repertório sobre as experiências da pesca, com parte das interações com o meio ambiente e a natureza no local, constituindo as relações sociais (CARDOSO, 2005).

Por meio das entrevistas e conversas informais com o grupo foi empregadas com técnicas de coleta das narrativas. Estas afluem com fatos da experiência nesse espaço e relativa a atividade pesqueira com as “particularidades do processo de produção na pesca” e “que consiste em um processo de apropriação da natureza pelo trabalho humano” e através do conhecimento. (CARDOSO, 2005, p. 1).

As narrativas dos entrevistados trazem com relevo os acontecimentos e relações na pesca. Para o ponto de vista dessa abordagem e de acordo com Lucília de Almeida Delgado (2003) os acontecimentos individuais embora sejam experiências solitárias ainda assim são estímulos para que as lembranças sejam afloradas.

Entende-se que estas mesmas lembranças ao serem acionadas remetem a aspecto de caráter individual, mas informam de uma coletividade e sugere momentos, acontecimentos que podem vir à tona, se repassados e recontados. Assim, de acordo com a autora a memória é extensa, ou seja, ela ultrapassa o tempo, seja através de seus repasses.

E nesse caso, essas tradições em que consiste em história passadas como parte desse repertório da memória e que muitas vezes são contados através das famílias e de várias gerações e das mais variadas formas. E nesse contexto a memória da pesca artesanal e na Vila Geladinho se reproduz e chega ao presente a partir dos relatos de membros do grupo e de pescadores com suas experiências. E também se realiza a partir da família pela apreensão, vivência e no contar das

experiências dos filhos e netos.

Lucília Delgado ao fazer referência à Carmelo Distante (1998, p. 84) no que destaca que não haverá futuro e nem progresso para a humanidade ‘se não tiver *um coração antigo*, isto é, se o futuro não’ tiver base nas “memória e no passado”. (DELGADO, 2003, p. 10).

O relevo no contar, e as memórias da pesca artesanal na Vila Geladinho remete a importância para a compreensão do processo histórico e a vida social no presente. E como tal perpassando as experiências dos membros mais antigo, até os jovens, os quais vêm se destacando, ao encarar essa atividade num contexto de valorização da cultura, mas também no que tange a reprodução social.

Nessas perspectivas as narrativas acerca da pesca artesanal assume dimensão importante no processo da pesquisa e da compreensão da experiência local pelos significados e relações que implicam. E como afirma Anelino Silva (2007).

A pesca artesanal no seu significado cultural trata das relações socioculturais e econômica, que se caracteriza no espaço e no tempo, como um objeto de estudo de complexidade e de significado. Sua importância dá-se por meio da prática exercida pelos pescadores no seu cotidiano. (SILVA, 2007, p.147).

Considerando as características das práticas, equipamentos envolvidos, técnicas e a dinâmica social, a pesca realizada no Geladinho, a qual se tem foco neste trabalho, e em diálogo com a literatura pode ser entendida com que se denomina de pesca artesanal.

E de acordo com alguns autores a pesca artesanal se constitui em sua produção em escala reduzida e geralmente sua produção é voltada para a reprodução da existência do grupo familiar e em âmbito local. E ainda:

...Tem como características o uso de tecnologias simples, isto é, com o uso de instrumentos denominados de apetrechos, alguns destes produzidos sem um grau de tecnologia complexo e de fácil produção e manejo, como por exemplo: a linha de mão, o caniço, o matapi, o pari etc. Porém, existem aqueles pescadores que utilizam apetrechos com um grau de tecnologia mais avançado, com a utilização de materiais sintéticos, como por exemplo malhadeiras, tarrafas... (SILVA et al., 2016, p. 196-197).

Dado a essas condições, a pesca artesanal é “realizada na maioria das vezes com apetrechos” pertencentes aos próprios pescadores, ou tomado de empréstimo, compartilha alguns apetrechos com outros pescadores. A maioria dos seus apetrechos são confeccionados pelos próprios pescadores.

E também há pescadores que dispõe de materiais com algum grau de tecnologia a exemplo da utilização de materiais sintéticos, malhadeiras, tarrafas, redes, por exemplo. Assim, com outros e conforme as práticas culturais e de uso dos recursos recorrem aos equipamentos

“confeccionados com a utilização de materiais “extraídos da floresta”, resultando em custos mais viáveis. (SILVA et al., 2016, p. 197).

De modo geral, os apetrechos de pescas tem muito haver com o tipo de peixes da qual se pretende capturar e a quantidade também, normalmente o pescador artesanal utiliza a rede, malhadeira, entre outros.

No que diz respeito a atividade da pesca artesanal na Vila Gealdinho será tratada com ênfase na dinâmica social. E tendo com referência a luta por acesso à terra, com ênfase para as dinâmicas representativas a partir da regularização fundiária e o reconhecimento como comunidade ribeirinha e pescadora, em torno da atividade da pesca na Vila Geladinho. E tratar, igualmente, dessa dinâmica social com destaque para as experiências sociais e memórias a partir das práticas, saberes e relações no cotidiano da pesca na Vila Geladinho.

Com a distribuição das terras oriundas de parte da fazenda Sabino São Pedro e da organização do lugar que teve como referências duas Vilas uma para camponeses e outra para pescadores, articulados pelos próprios membros. Para que houvesse um fortalecimento e impulso para as dinâmicas de trabalho com avanços no que diz respeito as suas práticas produtivas.

Nessa configuração da divisão dos lotes de terras sua distribuição já foram estabelecidas desde o primeiro momento com vista a organização para o trabalho de acordo com a localização no território. Assim, para as diferentes parte do Geladinho denominado e tendo como referências as Vilas formaram duas dinâmicas de trabalho.

E para aquela mais nas proximidades dos recursos água importante, o rio Tocantins, foram atribuídas e reconhecidas como de ribeirinhos e pescadores artesanais. A outra mais central e conforme a disponibilidade dos recurso, como de camponeses, extrativistas.

Assim, o espaço e o ambiente mediante a interação humana marca as relações da comunidade nessas áreas. Nesse aspecto, cabe mencionar que, a Vila Geladinho se constituiu numa área da antiga fazenda Sabino São Pedro. E assim sendo o local passou por algumas transformações ambientais ao longo dos tempos e anos. Assim sendo a vegetação considerada natural existente, passou por intenso desmatamento, configuração de pastagens e também foi substituída por outras espécies frutíferas.

Os recursos naturais, se após seu uso podem ser renovados, isto é, voltarem a estar disponíveis, são renováveis, caso contrário são não renováveis. Exemplos de recursos renováveis são: flora, fauna naturais e todos os ecossistemas cultivados. Já os recursos naturais não renováveis¹⁴, são os que não podem ser produzidos, embora possam a longo prazo serem substituídos por outros, como por exemplo o petróleo substituindo o carvão. (DULLEY, 2004, p. 22).

Entretanto, a dinâmica de renovação pode ser constantemente impactada e a substituição dos recursos primários podem ter a garantia de recompor sem gerar novos impactos. Na região sudeste do Pará e onde se encontra o Geladinho as pastagens tende a se estabelecer num ciclo contínuo de interferência sobre as demais espécies. Impondo contínuos impactos e a devastação como dos babaçuais (COSTA et al, 2014).

E nesse sentido, o curso de Licenciatura em Educação do Campo, e a ênfase em Ciências Agrárias e da Natureza (CAN) propicia ferramentas e discussões por meio de seus componentes curriculares para pensar quanto as questões ambientais vem perpassando as comunidades locais ao longo dos tempos. Como é o caso das queimadas, o desmatamento e situações que afetam o meio ambiente.

Também permite trabalhar questões com vista a problematizações e alternativas numa perspectiva ecológica. Em que as relações sociais com o meio ambiente ajudam a repensar as práticas de uso do solo o manejo adequado dos recursos naturais diversos. Assim, trabalhar as questões dos impactos por um viés do protagonismo dos agentes sociais da comunidade e como enfrentamento as ações de ordem externa e centrada em interesses econômicos que afetam o meio ambiente.

No que concerne a relação de apropriação da natureza pelo trabalho e da pesca, e considerando os contextos Cardoso (2001) chama atenção para a questão.

A atividade pesqueira consiste em um processo de apropriação da natureza pelo trabalho humano. Genérica, esta afirmativa não explicita as particularidades do processo de produção na pesca, uma vez que grande parte das atividades humanas consiste em um ato de apropriação da natureza através do trabalho. E sim, sofrem em vários momentos influências das ações da sociedade. As transformações na qualidade da água com o aporte de elementos químicos e orgânicos transportados pela drenagem continental para o oceano. Desmates de manguezais, construções de portos, aterros modificando locais de procriação e crescimento de espécies aquáticas e outras ações de alteração dos ambientes aquáticos interferem nos ciclos naturais de peixes, crustáceos e moluscos. (CARDOSO, 2001, p. 40).

As relações estabelecidas no espaço e com a natureza são percebidas, e objetos das narrativas que remete a dinâmica social e a formação da Vila Geladinho. As falas sobre os impactos na natureza e as mudanças no ambiente figuram nas falas estando de maneira recorrente de modo que a maioria das informações são provenientes de conversas informais dos membros da comunidade, durante essa pesquisa de campo.

No que concerne as práticas internas e a certa atribuição que o próprio estabelecimento da comunidade provocou mudanças e pressão sobre o meio ambiente local, muitas das pessoas fazem uma leitura de que as derrubadas de matas ocorreram na maioria das vezes, devido a falta de

informações, e que estas se destinavam à implantação dos cultivos de roças.

Assim que, por ocasião não dispunham de conhecimentos sobre essas questões de técnicas para implantar roças de que não seria preciso derrubar as matas. Entretanto, as informações só foram repassadas anos depois do ocorrido, e quando se constituía no único meio de implantar as roças, o desmate é também utilizado por algumas pessoas para a venda da madeira.

Pela exploração madeireira, incluso as matas formadas de castanha-do-pará foram retiradas. por vezes os ingressos oriundos da madeira também serviam para compras de animais de pequeno e grande porte, construção de cercas, de casas, entre outras.

Nos diferentes momentos, e desde os primeiros a chegar o trabalho na área do Geladinho concentrava-se nas atividades extrativistas, pesca e nos cultivos de roças de milho, feijão, fava, mandioca, maxixe, quiabo, melancia, cheiro-verde, entre outros.

Ademais, em interação com o ambiente e os próprios ciclo da natureza, para as atividades produtivas levava-se em consideração os períodos do ano, e os fenômenos da cheia do rio Tocantins. No inverno, com a entrada das águas as roças quase não eram vistas.

A comunidade se concentrava nas bordas de terra, pois as águas da cheia do rio vinham até os fundos dos lotes impossibilitando a formação de roças. A pesca de modo geral ocorria em períodos das cheias e secas do rio. O que modificava era a incidência em algumas espécies, sendo algumas delas mais predominantes no inverno e outras no verão.

LITTLE (2003) aponta que diversos grupos humanos costumam ser agrupados sob diversas categorias das quais se denominam tradicionais.(Little,2003,p.251).

A parte do Geladinho estabelecida mais a margem do rio Tocantins organiza suas ações para o trabalho principalmente voltadas para a prática da pesca artesanal. Mas também praticam outras atividades diversas como agricultura, pequenas atividades pecuárias, comércios, serviços de bares e restaurantes, e estes principalmente em períodos de veraneio. Já que a localidade também é conhecida pelas praias e como importante balneário da região.

Os territórios dos povos tradicionais fundamentam-se em décadas, em alguns casos, séculos de ocupação efetiva. A longa duração dessas ocupações fornece um peso histórico às suas reivindicações territoriais. O fato de que seus territórios ficaram fora do regime formal de propriedade da Colônia, do Império e, até recentemente, da República, não deslegitima suas reivindicações, simplesmente as situa em uma razão histórica e não instrumental, ao mesmo tempo em que mostra sua força histórica e sua persistência cultural.(LITTLE,2003,p.265).

“Paul Little afirma que a maneira que cada grupo constrói sua memória coletiva depende em parte da história de migração que esse grupo realizou no passado”.(Little,2003,p.265).

As diferentes atividades juntamente com a pesca artesanal são realizadas pela comunidade em garantia da produção da existência e da reprodução social do grupo. Para além de uma atividade cultural a pesca se destaca como uma garantia de sobrevivência dos agentes, no que diz respeito ao modo de vida e como as famílias se organizaram para o acesso a terra e produção da existência no local e constituindo sua dinâmica socio cultural.

No plano fundiário, o que marca os grupos extrativistas da Amazônia é a apropriação familiar e social dos recursos naturais, em que as “colocações” são exploradas por famílias, os recursos de caça e pesca são tratados na esfera coletiva e a coleta dos recursos destinados ao mercado é feita segundo normas de usufruto coletivamente estabelecidas.(LITTLE,2003,p.262).

2.2 Dinâmicas de acesso à terra e os conflitos em torno da atividade da pesca

O acesso formal a terra, reconhecimento social e identitário como ribeirinhos e pescadores dos antigos posseiros⁷ foi de fundamental importância com a consolidação da permanência no local com direito a permanência de vida e contra posição as ameaças e instabilidade do passado.

A organização frente dos conflitos e diante das demandas de parte dos posseiros que conseguiram acesso a terra e guiaram suas demandas buscando sua própria referência e representação social passando ao reconhecimento como ribeirinhos, pescadores. Sobre as questão organização Hébette indica.

Até os anos 1970, não existia organização camponesa institucionalizada naquelas áreas interioranas do Pará, onde a agricultura tinha um papel econômico muito secundário. A atividade produtiva sobre a qual se tinha estruturado a sociedade local ao longo dos séculos e que sustentava a economia era o extrativismo nas suas diversas expressões: a coleta de látex e da castanha, a caça aos animais silvestre, a garimpagem do cristal de rocha e do diamante. Os trabalhadores viviam na dependência de patrões poderosos e eram dominados pelas oligarquias locais, através de conexões governamentais, arrendamentos e foro, de imensas áreas de florestas. Não havia espaço para a organização política desses trabalhadores. (HÉBETTE, 2002, p.206).

Para o sociólogo Jean Hébette, foi durante os anos de 1970 e 1980 que a fisionomia econômica e social dessas regiões transformou-se radicalmente. A mudança iniciou-se, mais propriamente, nos anos 60, quando pequenos agricultores, oriundos do Maranhão, penetravam espontaneamente no Pará pelo município de São João do Araguaia. Essas vindas se davam menos eventuais e sazonais, apenas para trabalhar nos castanhais ou nos garimpos, mas na intenção de ocupar “terras livres” e forma lavouras. (HÉBETTE, 2002, p. 206).

A experiência da luta para permanência no local que veio se constituir na Vila Geladinho guarda aproximações com outras experiências na região quanto a busca pela terra e a constituição da representação política e que converge para identidade e as práticas culturais e do cotidiano dos chamados posseiros que são movidas no processo de formação e organização da Vila Geladinho. E que se materializavam mediante a luta e resistência desde em torno da posse da terra, na comunidade.

A experiência de acesso a terra com a divisão dos lotes a cargo da Colônia de Pesca Z-30, foi tanto uma forma de articulação de apoio de parte da colônia, como foi manejado tendo a frente

⁷ Posseiros. Os posseiros são lavradores (agricultores) que, juntamente com a família, ocupam pequenas áreas de terras devolutas ou improdutivas, isto é, terras que não estão sendo utilizadas e que pertencem ao governo. São trabalhadores rurais que têm a posse, mas não têm um documento oficial que prove que eles são donos ou proprietários da terra.

o senhor Estevam. Sendo essa aliança com a colônia uma estratégia de organização para fins de assegurar a permanência no local.

Foi a partir dessa aliança também se cogitou a possibilidade de haver uma filial, na comunidade. Entretanto, em seguida a possibilidade de constituição de uma filial foi descartada, porém, a Colônia firmou outros compromissos com os pescadores, e com cogitada possibilidade de filiação dos pescadores à mesma.

E a partir de então segundo os entrevistados a proposta de vínculo dos pescadores para com a Colônia foi levantada em caráter uma proposta que consistia numa adesão mediante o pagamento de mensalidade como associado, pela afetuação de serviços como compra de gelo produzido pela mesma. E contando com o apoio em atendimento a benefícios sociais, em caso de aposentadoria, apoio com materiais de pesca, empréstimos, caso precisasse para expandir seus apetrechos de pesca.

Entretanto, na época, segundo seu Raimundo Feitosa morador da Vila a mais de 30 anos a proposta da Colônia era notada com certa reserva nos termos que apontava. Assim, o entrevistado diz: “a colônia queria exclusividade, e agente tinha que pagar uma parcela todo mês. E ainda tinha que comprar todo o gelo, ou então ela não apoiava ninguém”. Com indicativo de certos impasses divergência de interesses e descompasso burocrático mediante a atuação de entidades representativas e grupos locais.

Mais especificamente, na interpretação de seu Raimundo Feitosa a Colônia diante das demandas e ao perceber a fragilidade dos pescadores impunha de certa forma suas regras, que para tal era necessário filiar-se, além de ter o compromisso de um valor determinado referente ao pescado por mês e ter que adquirir o gelo que ela fornecia.

Em face da situação que veio se apresentar na relação com a Colônia, o entrevistado argumenta que havia aqueles que sem terem conhecimentos acabavam aceitando a proposta da Colônia, por acharem que seria uma boa opção. E diz: “na época eu não sabia que tava caindo num golpe, alíás ninguém sabia, a gente pensava que estava tendo ajuda”, ressaltou Raimundo Feitosa.

Segundo os relatos nessa abordagem da relação dos pescadores com a Colônia de Pesca, a partir do momento que os pescadores se filiaram a colônia, logo perceberam que não tinham feito uma boa escolha, pois a maioria não tinham canoas adequadas, os apetrechos de pesca eram insuficientes para atender a demanda da colônia, pois cada vez que a meta era alcançada ela exigia outro valor determinado de pescado.

Os pescadores associados a Colônia, muitas vezes não davam conta da demanda

determinada, claramente por questões de logísticas. E seja, materiais insuficientes, o que dificultava manter uma cota de pescado. Assim que, mesmo em caso de abundância de peixes e variedades de espécies como eles mesmo destacam bater essas metas significava para eles cada vez mais horas nos rios e pouco tempo com a família.

Ademais, diante das metas estabelecidas, por sua parte a Colônia não garantia um suporte adequado e com base nas necessidades que se apresentava para os pescadores associados.

Estabelecido o vínculo com a Colônia, o pescador que não pegasse a quantidade de peixes conforme estabelecida, sua jordanada de trabalho passava a ser dobrada. Uma vez que além de ter que deixar a quantidade de peixes na Colônia, teria que obter para repartir o pescado ou retribuir com o pescador que havia emprestado a canoa ou motor, o que seria convertido em mais trabalhos. Olha dona! A Colônia Z-30 não dava ajuda de nada, ela nos enganou. Eu tinha que pedir a canoa do Valdemar emprestada e me virar horas no rio. A mulher tinha que se virar em outras coisas, pois eu não tinha tempo. Tinha que dividir esse peixe com o dono da canoa e ainda tirar pra Colônia e pra mim comer. E a cobrança era grande demais. (Hermógenes Veríssimo, 2019).

Portanto, além de garantir a meta, precisavam tirar o pescado para o consumo familiar e garantir a partilha com aqueles que emprestava os equipamentos, que se dava basicamente com peixe. Para isso, o pescador precisaria de mais horas de trabalho para ter essa garantia. E como informa Antônio Oliveira: “ a gente precisava ajudar o companheiro, ou com peixe, ou com horas de trabalho retribuindo aquele colega que emprestava a canoa. Por isso a gente trabalhava mais. A colônia só dificultou a vida da gente aqui”. aponta.

As tensões e queixas diante das demandas da Colônia também parece assinalar para o descompasso entre demanda de representação e mobilização de um grupo de pescador que se identifica e realiza a pesca com particularidades e dentro de suas especificidades e mesmo de suporte técnico para a produção. E a noção de pescador em condições de atender os critérios de comercialização, burocráticos e de interesse da Colônia.

Em face da atuação no âmbito da comunidade e com vista a incrementar a produção de pescado a Colônia se propôs a promover aberturas de açudes. E que foram instalados em lotes de pescadores vinculado a Colônia e no interesse de facilitar o cumprimento das metas exigidas. E também em vista de alternativa uma possível escassez de pescado no futuro. E igualmente, com vista a suprimir demandas em época da piracema, e de reprodução das espécies.

Por outro lado, no argumento da Colônia as ações se davam no intuito de que estaria promovendo a autonomia dos associados em relação a produção. E nas palavras de um entrevistado ele esclarece: “a Colônia dizia que a gente ia produzir o nosso próprio peixe de açude e ia também poder trabalhar na época da piracema (...) porque a gente era os donos e ninguém

podia impedir a gente.” (Raimundo Feitosa, 2019).

E embora as expectativas e proposição, os pescadores contam que a Colônia chegou a efetivar a aberturas de apenas dois açudes para os pescadores vinculados a seus quadros. E, por outra ainda não os ajudou com a obtenção dos alevinos, conforme havia sido combinado. Com isso muitos se sentiram enganados, mediante tais atitudes por parte da administração da Colônia, que na época sob a responsabilidade e uma pessoa conhecida por vulgo “Bibi”, seu presidente. E argumenta o entrevistado: “ a gente se sentiu enganado, mandou cavar uns buracos com nome de açude e não botou nenhum peixe.” (Raimundo Feitosa, 2019).

Com esses impasses na relação para os pescadores a Colônia Z-30 só queria de fato arrecadar fundos e nada mais. E em contrapartida pouco se fazia para com questões dos pescadores e como se havia comprometido. Assim que, muitos pescadores se desvincularam da Z-30.

Ao que atribuíam haver uma falta de compromisso para com os associados. Outros relacionam que a partir do momento que a Colônia resolveu firmar compromisso formal com eles, tudo ficou muito mais difícil. Ao que atribuem que antes os mesmo se mantinham da pesca, tinham sua própria autonomia. E sem ter compromissos formal com ninguém, apenas com o seu próprio trabalho. O que consistia em pescar para o consumo de suas família e caso houvesse necessidades o excedente seria vendido.

O pescador Hermógenes é morador da Vila a 54 anos, ressalta o que argumenta se mostra como descaso de parte da Colônia para com os seus associados. E no que diz respeito a cumprir com o seu papel em assistência aos associados. E que sem condições de manter os apetrechos tornava a atividade inviável e, igualmente, bater metas estabelecidas por ela.

Com que seu Hermógenes argumenta ter sido o fato dele ter se desvinculado da Colônia. E especifica ainda a questão da solicitação da assistência pelo INSS ter sido negada, e para tanto na ocasião em que precisou a Colônia não deu apoio algum. Isso mediante a que já se encontrando em idade avançada e de se aposentar.

Nesse fato ainda informa que pagou como associado durante 7 anos, mas quando precisou dos registros, estes não constava nos arquivos do INSS, nenhuma contribuição foi informada da parte dele através da Colônia. Mesmo tendo pago as devidas mensalidades tudo em dia. O que no seu entendimento sugere desvio das contribuições, o que acabou lhe prejudicando na hora que ele mas precisou, no caso da sua velhice.

E assim dito: “eu paguei durante 7 anos a Colônia e quando precisei da entrada em minha aposentadoria não constava nada.” Isso em 1992 na ocasião ele se encontrava com 61 anos de idade e buscou se aposentar. Sendo este fato decisivo para que se desvinculasse da Colônia.

Com a aposentadoria concedida por idade avançada, seu Hermógenes argumenta que este fato não o impediu, entretanto, de continuar exercendo a atividade de pescador, de que muito se orgulha. E sem vínculos com a Colônia seguiu exercendo a pesca pela qual destaca que conseguiu comprar sua canoa e arrumar alguns apetrechos de pesca.

E com isso seguia obtendo o pescado para a sua alimentação familiar. E ainda vendia o que excedia a fim de aplicar em melhorias no seu lote. E a exemplo, abertura de um poço, aumentar sua criação de galinhas e, em fim, criar os filhos. Hoje já não dispõe de uma canoa de pesca, por motivo de furto, mas sempre continua pescando.

Seu Raimundo Feitosa é pescador, viveu no Geladinho, e atualmente vive com a família no bairro São Félix I. Com 69 anos de idade e seis filhos os quais informa que foram criados através da pesca artesanal. E que hoje três desses filhos permanece exercendo a atividade pesqueira.

Seu Antônio Oliveira tem 66 anos de idade, aposentado e vive no Geladinho há 40 anos e dois filhos que são pescadores. Sobre a pesca diz que ainda hoje se aventura pelos rios e igarapés da região em busca do pescado para garantir o seu sustento, o que faz com o apoio dos dois filhos, quais conseguem se manter dessa atividade.

Seu Hermógenes Veríssimo da Costa, pescador com 88 anos de idade é tido como o pescador mais antigo da comunidade. , Pai de cinco filhos, os quais vivem na comunidade, e sendo dois deles pescadores. Ainda que esse não seja o único meio de sustento deles, pois ambos são empregados de carteira assinada, mas ainda quando precisam se deslocam até o rio para obtenção de alimento.

Na história da comunidade e na experiência de seus membros na área do Geladinho são reconhecidas atividades como pesca, mas não necessariamente exclusiva. Pois combinadamente e no seu percurso os membros combinam diferentes atividades como o cultivos em pequenas parcelas, extrativismo e afim de subsidiar o sustento das famílias e na atualidade outras atividades, pequenos comércios e mesmo fora da comunidade em alguns casos. As quais dão aporte e/ ou se combinadamente garante o sustento do grupo.

A gente colocava roça de milho, feijão, plantava uma abobrinha, quiabo, maxixe na vazante, tirava o açai e depois a gente ia pros rios atrás dos peixes, bastava jogar a tarrafa que vinha cheio de peixe, muita fartura, tirava pra comer e se precisasse vender, vendia so o que sobrava e o resto vendia pra dona Raimunda lá no Marabá. (Hermógenes Veríssimo, 2019).

A narrativa do seu Hermógenes remete a memória sobre o Geladinho a respeito de como as famílias se organizavam para garantir os seus sustentos. E que tanto a agricultura familiar, como

a pesca artesanal formavam os pilares na garantia do sustento das famílias. E hoje a maioria das famílias se mantém da pesca artesanal, com importante aporte na reprodução social.

E embora as mudanças, a existência de outras atividades ou combinadamente. E a prática da pesca venha sendo realizada em menor proporção pelos pescadores ela apresenta-se como relevante para muitas famílias que não possui outras fontes de renda. Destaca seu “Raimundo Feitosa a pesca me ajuda e muito até hoje” a qual permite “trazer o pescado pra minha mesa”, argumenta.

E sugere a importância dessa atividade para muitas famílias dentro da Vila. De modo geral, a produção local sempre esteve voltada para o consumo familiar. E na falta de outros produtos necessário recorria a comercialização em pequenas quantidades de pescado.

Ainda há as distintas formas fundiárias mantidas pelas comunidades de açorianos, babaçueiros, caboclos, caiçairas, caipiras, campeiros, jangadeiros, pantaneiros, pescadores artesanais, praicrios, sertanejos e varjeiros. (LITTLE, 2003, p. 251).

Sendo uma atividade praticada há anos, mas que embora todas as mudanças, a menor proporção, ainda continua sendo realizada e permanece, não obstante as mudanças, e um quantitativo estabelecido, mas face a dinâmica social.

As narrativas da Vila Geladinho remetem as práticas de pesca que aqui entendemos como pesca artesanal e constituem relações com o território, produzindo saberes, marcado em trajetória e modo de vida na dinâmica sociocultural constituída na comunidade.

Mediante o que a atuação na pesca remete questões diversas de características tanto física da relação com o espaço físico como, econômicas, sociais e culturais. E que são referentes as territorialidades específicas constituídas no território e como aponta Alfredo Wagner Berno de Almeida (2012)

... as territorialidades específicas (terras indígenas, terras de quilombos, babaçuais livres, faxinais, fundos de pasto, comunidades ribeirinhas), ou seja, as terras tradicionalmente ocupadas e controladas de modo efetivo pelas suas respectivas comunidades ou pelas formas organizativas que lhes correspondem (associações, cooperativas, sindicatos, articulações e movimentos). (ALMEIDA, 2012, p. 68).

A partir da experiência da pesca várias dimensões da vida se implicam na frente e como territorialidade constituída, no que se ressalta também o imaginário dos pescadores e imbricadas em seus modos de vidas, sendo algo vivenciado no seu cotidiano. Experiência que perpassam pelas gerações, ou seja o que lhes é repassado, dado a isso, em como os agentes se reproduzem em face a dinâmica sociocultural.

2.3 Experiências sociais e memórias em torno de práticas, saberes e relações cotidianas

O objetivo desse tópico é conhecer essas experiências sociais e memórias mediante as narrativas e ter uma reflexão acerca das práticas, dos saberes e das relações estabelecidas no cotidiano da pesca e da comunidade. Pelos quais é possível saber das estratégias de organização, de manejo dos recursos e indicativos das mudanças que se deram no decorrer da história da localidade e a relação com o ambiente e no território.

E nesta abordagem tendo por estratégia trilhar os indícios sobre a realidade a partir de aspectos da história de vida e da trajetória da comunidade os relatos orais dos entrevistados tem centralidade. Nessa perspectiva como assinala Regina Beatriz Guimarães (2002) o mais valioso desses relatos acerca das trajetórias individuais dos sujeitos se encontra e se destaca em suas especificidades é a memória coletiva.

E com essa atenção são tomados os relatos acerca das experiências sociais e memória na dinâmica social e da pesca dentro da comunidade Geladinho.

No que concerne as práticas e saberes da pesca artesanal Adilson Andreoli e Vanessa Anacleto (2006) destacam que para sua realização é preciso ter um domínio dos conhecimentos que envolve a atividade. E são estes conhecimentos que permitem ao pescador se reproduzir enquanto sujeito.

E que permite por assim dizer, da coletividade. E como matéria da história de vida e que concerne aos relatos de histórias passadas, inscritas na memória de membros da comunidade, que se dá e, que se atualiza pela transmissão no tempo, dos antepassados e assim se constitui como artefatos nas mãos dos mais velhos. (GUIMARÃES, 2006, p.73).

No quadro de narradores desta pesquisa, seu Hermógenes Verícimo da Costa fala dos seus conhecimentos em relação a atividade de pesca realizada e a respeito das práticas e saberes envolvidos. É assim que ele relata como que para ele é possível indentificar uma espécie, estando dentro da água, somente pelo movimento que ela emite.

Cada uma dessas técnicas supõe séculos de observação ativa e metódica, hipóteses ousadas e controladas, para serem rejeitadas ou comprovadas por meio de experiências incansavelmente repetidas. Notando a rapidez com que as plantas originárias do Novo Mundo foram aclimatadas nas Filipinas, adotadas e denominadas pelos indígenas que, em muitos casos, parecem mesmo haver redescoberto seus usos medicinais, rigorosamente paralelos aos que eram tradicionais no México. (LÉVIS-STRAUSS, 1989, p.29).

Além de identificar as espécies e seus diferentes hábitos, pelos quais se nota que, nem

todos os peixes se alimentam de frutos caídos das árvores para dentro do rio. E que há aqueles peixes que se alimentam de lodos, restos de outros animais, entre outros resíduos depositados ou acumulados no fundo de rios e igarapés.

Para Manuela Carneiro da Cunha as populações indígenas e tradicionais geralmente são entendidas como ribeirinhos, caiaçaras, seringueiros e extrativistas. (CUNHA, 2007, p.83).

O entrevistado atribui que essas informações advêm de anos de prática. E considera que tais conhecimentos só são possíveis mediante anos de experiências e observações. Experiência que no seu entender e expressão diz “ter de sobra”. E isso, justamente porque pesca desde a juventude, e quando ainda vivia em Barro Branco, no estado do Maranhão.

No que tange tempo e memória Lucília Delgado (2003) aponta o que diz respeito ao olhar do homem através do tempo, ele traz para si as marcas da sua história em diferentes temporalidades. E nesse quadro de vivências os homens constroem suas visões acerca do que é marcante para si e, como o senhor Hermógenes Veríssimo destaca que os conhecimentos e percepções são resultados das suas experiências vividas o que marca sua história como grupo.

O entrevistado destacou ainda que quando chegou para o Geladinho havia enorme abundância de peixes. E acerca de suas experiências, relata que costumava pescar com frequência e se constituía num meio de obter o alimento da família. Quando naquela época, as espécies mais recorrente na pescaria eram Curimatã (*Prochilodus nigricans*), Piabanha (*Brycon amazonicus*), Jaraqui (*Semaprochilodus brama*) entre outras que eram espécies bastante correntes.

Nessas práticas de pescas desenvolvidas na comunidade as narrativas de seu Hermógenes Veríssimo também dá destaque as relações de solidariedade estabelecidas na atividade de pesca. No que ressalta acerca da união entre os pescadores e, exemplificada quando ao uso dos apetrechos de pescas, da disponibilidade e compartilhamento.

Voltando à tese principal do Ensaio: nele se postula um entendimento da constituição da vida social por um constante dar-e-receber. Mostra ainda como, universalmente, dar e retribuir são obrigações, mas organizadas de modo particular em cada caso. Daí a importância de entendermos como as trocas são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e lugares, de fato que elas podem tomar formas variadas, da retribuição pessoal à redistribuição de tributos. Mauss dedicava especial atenção ao fato de algumas trocas serem prerrogativas de chefias: receber tributo, por exemplo. Essas prerrogativas podem ser socialmente construídas de modo diferente, como privilégios, obrigações etc. (LANNA, 2000, p.175).

E no caso em que havia dificuldade e escassez na disponibilidade nos instrumentos da pesca se organizavam para dividir ou se revezar e realizar a atividade. Para tanto, era muito comum a partilha de tudo que adquiriam entre si.

Ademais, para com os outros pescadores e membros da comunidade, esse tipo de relação e reciprocidade garantia a união, e suprimento das necessidades E, de modo que nesta relação estabelecida era comum tudo ser dividido dentro da comunidade.

De tal maneira, esse tipo de solidariedade e reciprocidade se dava quando um pescador não conseguia obter nenhum pescado em determinada pescaria. E os demais, então se reuniam e decidiam por realizar a partilha do que pescavam entre si.

E além disso, no que se referia aos recursos destinados à alimentação, fosse da pesca ou de outras fontes naturais obtidos por coleta na área para o consumo, estes da mesma maneira eram frequentemente compartilhados entre os membros da comunidade, e que podia ser o açai castanha-do-pará, cupuaçu, entre outros.

Mauss diferencia essas dádivas de presentes, bens e símbolos da troca utilitarista. Para o autor, não são os indivíduos e sim as coletividades que mantêm obrigações de prestações recíprocas, mediante os grupos familiares.(MAUSS,2003,p.132).

As relações entre os membros da comunidade, também se estendia e se dava na realização de trocas de trabalho para desenvolver as atividades das roças. Em tarefas quando iam brocar a roça, que consiste no desmate para a limpeza do local de sua instalação. E se organizavam em grupos de cinco a fim de fazer frente a atividade fosse de plantio, ou de replante quando necessário, nas roças, daquela pessoa determinada para aquele dia de trabalho.

É nesse sentido que a Antropologia de Mauss é uma sociologia do símbolo, da comunicação; é ainda nesse sentido ontológico que toda troca pressupõe, em maior ou menor grau, certa alienabilidade. Ao dar, dou sempre algo de mim mesmo. Ao aceitar, o receptor aceita algo do doador. Ele deixa, ainda que momentaneamente, de ser um outro; a dádiva aproxima-os, torna-os semelhantes. A etnografia da troca dá ainda um novo sentido às etiquetas sociais. Por mais que estas variem, elas sempre reiteram que, para dar algo adequadamente, devo colocar-me um pouco no lugar do outro (por exemplo, de meu hóspede), entender, em maior ou menor grau, como este, recebendo algo de mim, recebe a mim mesmo (como seu anfitrião).(LANNA,2000,p.176).

Dessa maneira, os pescadores, e não sendo exclusivamente pescadores e juntamente com pessoas da área que estavam envolvidas em outras atividades como agricultura e extrativismos realizam, por vezes, se mobilizavam para a troca de dias e realização de plantio, colheita e, outras atividades. E que constituía uma forma de organização e de fortalecimento dos membros do grupo em processo de consolidação da vida na comunidade.

Do ponto de vista da dinâmica interna a comunidade busca se estabelecer e com base em diferentes estratégias, em que se destaca como uma delas o apoio mútuo entre os grupos familiares e, as ações de solidariedade, e trabalho de modo coletivo, a fim de garantir a permanência na localidade. (MOREIRA, 2002,p.123).

Quando a destinação da produção oriunda da prática da pesca artesanal na Vila Geladinho, o senhor Hermógenes Veríssimo relata que no âmbito de seu grupo familiar esta se dava apenas para fins de consumo e manutenção da existência. E em caso de venda, esta incidia apenas sobre algum excedente.

Nesse caso, ressalta que quando era preciso vender alguma quantia, esta se dava com objetivo de adquirir algum material aplicado o uso na atividade da pesca. Tais como malhadeira, tarrafa, redes, anzóis, linhas, entre outros, necessários a manutenção da própria atividade. E por outra, também para subsidiar alguma necessidade mais básica da família, como a compra de medicamentos, roupas, e outros. E quando necessitavam realizar a venda do pescado, tinha-se por destino certo o núcleo urbano de Marabá.

Em caso de mediação de algum pescado produzido na comunidade havia pessoas, que faziam o papel dos chamados atravessador. Como foi citado, a senhora Raimunda era uma atravessadora que efetuava a compra dos pescados da comunidade a preços abaixo do mercado e os revendias, com valores um pouco mais elevado, destaca seu Hermógenes Veríssimo e diz: “dona Raimunda era do Marabá, e comprava os peixes bem baixo pra depois vender caro, essa era a vida.”

Pois em caso de venda fora da comunidade no núcleo urbano de Marabá, para se chegar ao local utilizava-se a canoa como meio de transporte. Para o início da comunidade e um bom tempo era o único meio existente de acesso. E posto que ainda não tinha ocorrido a abertura da estrada na comunidade.

Entretanto, acerca do transporte de canoa cabe dizer que, ainda hoje ocorre a utilização dessas embarcações como meio para se deslocar e ir até o núcleo urbano de Marabá, como no setor da Nova Marabá e porto localizado na folha 8. Popularmente chamado de zero.

E que por vezes e em parte isso ocorre devido as problemáticas relativas aos transportes coletivos e que não atendem a comunidade. Até hoje o transporte público ofertado em Marabá não chega até o Geladinho. Muitas pessoas da comunidade quando necessitam utilizar o ônibus coletivo precisam se deslocar até o bairro São Félix I a pé, ou por meio de bicicletas , motocicletas,carros entre outros. para daí então tomar o transportes coletivos para outras localidades e centro de Marabá. E embora hoje a estrada apresente condições de melhorias de

tráfego, não é oferecido o transporte público.

Por esse motivo muitos moradores afirmam que a canoa é mais viável do que o transporte coletivo que só se encontra disponível no bairro vizinho. Sendo assim e por vezes conseguem chegar mais rápido aos lugares por meio de canoas.

Quanto as experiências sociais e memória no que diz respeito as práticas na dinâmica interna e familiar e suas nuances frente as mudanças e as cotinuidade no cotidiano. Em observação da prática de pesca no seio do próprio grupo familiar o entrevistado Hermórgenes Veríssimo destacou que os filhos não quiseram seguir os mesmos caminhos, na pesca na comunidade, e trabalham fora em empresas privadas.

Entretanto, destaca que ainda assim, têm consciência do papel que a pesca teve e tem na comunidade e para a própria criação deles. A qual eventualmente realizam, sobretudo, em ocasiões de férias, finais de semana e folgas do trabalho. E argumenta que já na geração seguinte, informa ter um neto que pratica a atividade da pesca.

E no que diz respeito ao modo de vida na Vila Geladinho e na experiência desse entrevistado, assina para as práticas produtivas e sociais, valorizando seus saberes é transmitido dos antepassados pelas gerações, sendo, portanto, solidificados nos laços de parentesco. (MOREIRA, 2002,p.123).

Em se tratando ainda do grupo familiar e acerca das práticas na pesca seu Hermórgenes Veríssimo também relatou sobre a atuação da esposa, dona Raimunda Maria da Costa. A narrativa deixa indícios no referente a inserção e o papel das mulheres na organização da vida e trabalho dentro da comunidade (GUIMARÃES, 2002,p.65).

Dona Raimunda Maria da Costa de 77 anos de idade, é apresentada por seu Hermórgnes, seu esposo, quem indica sobre sua vida no espaço familiar e na comunidade. Já aposentada é referida pela atuação como quebradeira de coco babaçu. E tendo importante papel na criação dos filhos, e contribuindo para o sustento familiar com a tividade desempenhada na coleta de coco babaçu para a venda e produção de sabão. A que realizada juntamente com outras mulheres da comunidade.

Além do extrativismo do babaçu Raimunda Maria da Costa também participava da pesca, atividade categoriza como ajuda , mas que permite perceber no que tange ao trabalho e diversas atuações dessa mulher. E juntamente com o esposo tinha uma iserção na dinâmica social que se marcam pelas relações de reciprocidade dentre elas pela destacada as trocas de trabalhos, reconhecido pela importância no passado e ainda no presente.

De acordo com as experiências e os momentos as mulheres sempre estiveram presentes

em várias atividades de trabalho, como extrativismo, a roças e também na pesca. Assim, no que tange aos espaços de trabalho na comunidade este são marcado tanto por homens, assim como as mulheres, considerada as diferentes faixas etárias, sempre estiveram presentes nesses espaços de produção da existência.

Nas narrativas a partir dos homens que remetem as mulheres também seu Manoel Silva, 69 anos de idade é pescador, morador da Vila a 58 anos, trás esse registro, onde chegou com apenas 11 anos de idade, na companhia da mãe, na época viúva e oriunda de São Domingos do Araguaia. Na Vila cresceu e diz sempre recordar de que sempre viu sua mãe, Maria Laudirene, realizando a atividades com a pesca e a extração de coco babaçu.

Da adolescência, mais especificamente, relata que via a mãe passar várias horas pelas áreas das matas da Vila Geladinho onde coletava coco babaçu. E como se refere passava horas “amontoando” o coco para no final de semana vender no São Félix. E, enquanto ele ainda adolescente já se aventurava nos rios e igarapés da localidade em busca de pescado. Atividades e produção que eram voltadas para garantia da alimentação e sustento familiar, que se constituia dele, da mãe e demais irmãos.

Portanto, as mulheres encontra-se atuando em quase todas as atividades desenvolvidas dentro da comunidade (ALMEIDA, 2002, p. 96). E no que se nota quanto a dimensão do trabalho, a comunidade estrutura sua atuação tendo como referência a família, sendo de suma importância a mão-de-obra dos membros do grupo familiar.

Além das relações e atuações para o trabalho em relação a pesca sugere para os locais e condições da realização. Retomada a narrativa de seu Hermógenes, embora já aposentado por idade, ainda desenvolve, por vezes, a pesca. Porém, quanto as condições informa não dispor de canoa, assim realiza a pesca no em torno de um pedral, localizado no Geladinho.

A pesca no local se dá de acordo com os períodos em que o rio se encontra com o volume de água reduzido, ou seja na época do verão. E diz respeito a pesca do (Acari, *Hypostomus ssp*) de ocorrência no pedral e nessa época do ano. A pesca realizada assim por seu Hermógenes se dá no Pedral, local de ocorrência de rochas expostas no meio do rio Tocantins e também algumas vezes se dá próximo das margens.

Ele também pesca outras espécies e em diferentes momentos do ano. Mas pelo fato de não dispor de canoa pesca apenas nessas proximidades da comunidade e igarapés, lagos, pedral e margens do rio, onde esses percursos são feitos a pé, sem o uso de canoa.

Ainda de acordo com este entrevistado, após o inverno ele aproveita a baixa das águas do rio Tocantins, que banha os fundos do seu lote, para fazer plantios, a exemplo de melancia, milho,

abóbora, quiabo e maxixe. Ou seja, faz uso da área na chamada vazante das águas, seja após o período de inverno. Essa prática segue importante e com fins de complementar a alimentação do seu grupo familiar.

Na sua fala ressalta que não ver razão para sair do Geladinho, pois a Vila é o seu lugar e de onde sempre foi e continua sendo o lugar onde retira o seu alimento. Assim, mesmo considerando que hoje os peixes estão mais escassos, sempre que precisa para a alimentação, ainda consegue retirar do rio, lagos e igarapés para o seu sustento e da família.

Ademais, por esta fala ressalta a importância que a pesca tem na sua vida, uma vez que não só em sentido material do sustento, mas contribuindo para o bem-estar. Com que atribuí que se encontrando em idade avançada, acredita que a vida longa que disfruta se deve por fazer o que gosta, e além disso, a alimentação baseada no consumo de peixes lhe permite a longevidade. Com isso, segue fazendo o que mais gosta, exercendo a prática da pesca.

Em termos da disponibilidade dos recursos da pesca seu Manoel Silva ressaltou que na época que chegou a Vila, ou seja quando ainda era criança, diz: “O rio Tocantins era muito fértil em pescado, pois bastava estender a malhadeira” ou “anzol que não tardava pegar muitos peixes”. Igualmente frisou que o igarapé Geladinho, afluente do rio Tocantins, na época tinha suas margens cobertas de matas ciliares e nativas, com muitos pés de castanhas-do-pará, quais podiam ser coletadas, entre os produtos extrativos que podiam ser combinados nas práticas da comunidade.

Quanto a disponibilidade dos recursos da pesca, se dispunha da ocorrência de bastante quantidade e diferentes espécies de peixes e realiza a atividade com frequência. Entretanto, de acordo com o entrevistado com o passar do tempo foi se desvanecendo da atividade, de modo que suas idas cada vez mais raras. Ele explica que mais se deve ao fato dos apetrechos de pesca se desgastarem e falta de condições financeiras para repor e manter os acessórios em estado de conservação para a pesca. Assim que, por vezes, para ir pescar utiliza de canoas de outros pescadores.

Nesse ponto frisa para a união, destacando por sua vez as relações estabelecidas, como forma de reciprocidade. E se referindo que pegavam era repartido com quem emprestava a canoa. E sendo nessas condições que realiza a atividade, embora mais raramente de sua parte.

Entretanto, considera a atividade da pesca de grande importância para a família e a comunidade. E informa que seu sobrinho até hoje vive da pesca, com quem atuou e atribuí o fato dele ter assumido ofício de pescador, em decorrência dos ensinamentos repassados, do que diz o tornar orgulhoso, por ter repassado para o sobrinho os conhecimentos da atividade.

E tendo assumido com empenho a atividade ao longo de sua vida seu Manoel, considera que essa atividade supre o caráter que teria outra profissão reconhecida em termos formais. E ressalta os aprendizados oriundos da relação com o meio ambiente e as atividades desenvolvidas na pesca e diz: “o que eu aprendi com a pesca não foi em escola, a escola da vida me ensinou e eu nunca senti falta dos estudos. Eu conheço os rios, sei onde os peixes estão, sei se o tempo esta bom, ou não, para peixes.”

Levando em consideração os conhecimentos de seu Manoel isso se deve obviamente a anos de práticas e conhecimento do local da qual ele mesmo destaca conhecer muito bem. E essa vivência permite a medida que o pescado vai ficando escasso, e se nota que o quantitativo diminuiu isso se torna perceptível para ele, e outros pescadores.

Embora as mudanças e conjugação da pesca com outras atividades, a atividade da pesca para alguns consituí como a única ocupação e meio de sustento. E esses anos de prática também reúne e soma para suas experiências e como foram se aperfeiçoando a cada dia na atividade, como disse Raimundo Feitosa (2019): “muitos anos fazendo a mesma coisa, a gente sabe, conhece o rio, tudo é pratica.”

Figura 7: Pesca de Branquinha e Voador



Fonte: Vanda do Rosário Oliveira,2019.

Mas também atento as transformações seja na disponibilidade de recursos, mudanças nos hábitos, seja na realização da atividade, seu Manoel Silva afirma que: “os tempos mudaram, as pessoas preferem comprar peixes do que ir ao rio pesca”. Assim sendo, reconhece que, por vezes, já costuma realizar a compra de outros produtos que recorrer a pesca, e se deve ao fato que hoje “no rio só tem peixes pequenos”, como “branquinha e voador”.

Quanto a questão da ocorrência de peixes, sua disponibilidade, os tamanhos considerados pequenos e a variedades das espécies, o entrevistado, seu Manoel Silva atribuí esse fato ao desequilíbrio ambiental e que vem ocorrendo ao longo dos anos na Vila Geladinho. Ao que indica o que considera algumas das causas, como a extração de areia, o depósito irregular de lixos e despejos no rio, estes, sobretudo, em época de veraneio de parte dos visitantes da praia.

Os sujeitos sociais que procuram evidenciar a importância de uma relação lógica entre injustiça social e degradação ambiental são aqueles que não confiam no mercado como instrumento de superação da desigualdade ambiental e da promoção dos princípios do que se entenderia por justiça ambiental!. Estes atores consideram que há clara desigualdade social na exposição aos riscos ambientais, decorrente de uma lógica que extrapola a simples racionalidade abstrata das tecnologias. Para eles, o enfrentamento da degradação do meio ambiente é o momento da obtenção de ganhos de democratização e não apenas de ganhos de eficiência e ampliação de mercado.(ACSELRAD,2002,p.51).

Para Henri Acselrad os agentes sociais ao expor tais situações supõem que existirá uma ligação lógica entre o exercício da democracia e a capacidade da sociedade de se defender da justiça ambiental.(ACSELRAD,2002p.51).

Ao contrário, portanto, tanto da perspectiva da modernização ecológica como da teoria da Sociedade de Risco, não haveria, nesta ótica, como separar os problemas ambientais da forma como se distribui desigualmente o poder sobre os recursos políticos, materiais e simbólicos.(ACSELRAD,2002,p.51).

Ademais, segundo seu Manoel Silva pode ser atribuída a falta de alimentos para os peixes, providos de frutos das espécies nativas que antes se encontravam a disposição nas margens do rio Tocantins, e que já não existem. Das alterações nas matas ciliares ressalta que, mais efetivamente, hoje entre as espécies vegetais presentes nas margens são de maior ocorrência as embaúbas (*Cecropia Peltata*), mas nem todos os peixes gostam dos seus frutos. Dessa maneira sem os alimentos disponíveis possivelmente “os cardumes acabam migrando” para outros locais onde a diversidade de alimentos é maior.

Apesar de seu Manoel Silva exercer a atividade da pesca com menos frequência, na atualidade, e dada as mudanças na disponibilidade dos recursos e dos meios de realizar a pesca, ele ainda a pratica e diz conseguir retirar do rio algum pescado, que considera necessário para a

manutenção da família.

Desse modo, destaca: “obviamente não é a mesma abundância” que se apresentava no passado, mas reconhece e narra de maneira a dizer que nunca lhes faltou um pescado na mesa, seja obtido por pesca ou por comprar.

A presença do pescado na alimentação sugere para os hábitos alimentares e práticas culturais, em que o recurso pesqueiro constitui parte importante da dieta da família e da comunidade. Ademais, no seu dizer, obter o próprio pescado para o consumo, nos rios e igarapés lhe reserva uma satisfação que procura ressaltar em sua fala.

No que se refere as mudanças e as interferências no meio ambiente e que são mencionadas estabelecendo relação os impactos e na disponibilidade, diversidade e tamanho do pescado são atribuídos aos desmatamentos das matas ciliares, entre outras intervenções na área. E que do ponto de vista de uma ação interna o seu Manoel Silva aponta para o que considera a importância da educação ambiental.

Com um trabalho com foco para as questões de desmatamentos e orientar para consequências dessas práticas, das quais diz: “com certeza se a gente soubesse antes dos impactos, não tinha desmatado as margens dos rios, lagos e igarapés.” Mas uma reflexão que não pode deixar de ser entendida no contexto da região e das ações e noções que confere um grau de impacto sobre os territórios, sejam da pesca e das diferentes comunidades locais.

Andreoli e Anacleto (2006) apotam para atitudes antrópicas, como fruto da noção que encara a natureza como uma fonte de recursos naturais inesgotáveis e que tais percepções tende obviamente a causar problemas socioambientais. Nessas condições as ações confere uma ameaça a existência e ao planeta.

As mudanças observadas se constituem parte das narrativas de membros da comunidade e no contexto da região que implicam nas condições de acesso aos recursos da pesca e das mudanças afetando a disponibilidade. Em que tem relevo as transformações e interferências no meio ambiente e pressão sobre os recursos. Para a comunidade como resultado tem sido sentido, isso tem imposto mudanças e outras estratégias de vida.

Os impactos decorrentes da ação humana tem impactados territórios e recursos naturais. Das ações a geração de energia elétrica, o que no contexto da região sudeste do Pará se apresenta no rol dos grandes empreendimentos como rodovias, ferrovias, hidrovias, mineração, e que tem gerado pressões e impactos, não restam dúvidas, e que tem relevo entre as narrativas na região. Para Gustavo Hallwas (2011) no que tange aos recursos pesqueiros:

Impactos antrópicos também têm se mostrado um fator de declínio dos recursos pesqueiros em águas interiores. Um dos principais impactos antrópicos que afetam a pesca em águas interiores é o barramento de rios com a criação de reservatórios para a geração de energia elétrica. Esses processos de barramento de rios alteram a estrutura física-química do ambiente aquático, modificam a composição e organização trófica das comunidades de peixes e reduzem a abundância e tamanho dos peixes. (HALLWAS, 2011, p. 89).

Para Mauro Rufino acerca das ações resultantes da atividade humana em grande escala como dos grandes empreendimentos pode afeta a pesca. E, como discute em base a outros estudos:

Muitos autores argumentam que outros impactos oriundos da atividade humana como a construção de hidroelétricas, desmatamento das margens dos rios e lagos e a poluição por metais pesados têm um efeito mais devastador do que a própria atividade pesqueira, a qual, em geral, pode ainda ser considerada moderada quando se leva em conta a grande diversidade de peixes (RUFINO, 2011, p. 186).

E para Bruna Andrade (2019) e outros autores que com ela discutem o tema, o “desmatamento nas margens dos rios potencializa a destruição das nascentes, o assoreamento e represamento dos corpos d’águas, implicando, conseqüentemente, nas populações de peixes e afetando diretamente os pescadores amazônicos”. Desse modo não propicia condições a reprodução e manutenção das espécies e afetando a “pesca artesanal”. (Andrade et al. 2019, p. 9).

Assim que, hoje na comunidade e em algumas narrativas no contexto da região uma maneira de adquirir peixes com tamanhos considerados adequados para a pesca é necessário se deslocarem da comunidade à outras áreas em busca do pescado. Um dos lugares de maior referência para as idas em busca do pescado é o lago de Tucuruí, para onde se dirigem a maioria dos pescadores. Mas também aqueles que vão para a Vila Espírito Santo, em locais relativamente mais próximo para adquirirem o pescado.

Nesse caso pode ocorrer de ficarem até 30 dias ausente da comunidade, e o fato de necessitarem sair da comunidade para os entrevistado tem relação com as condições de impactos ambientais e mudanças nas condições e disponibilidade do pescado na área.

Uma das problemáticas no âmbito local conforme apontada pelos entrevistados diz respeito a ações de intervenções de parte da comunidade e poderiam ser melhoradas. Para isso alguns apontam que uma ação de educação ambiental poderia contribuir para as práticas locais. As questões de desmatamentos, lixo e retirada de areias. Embora alguns hábitos sejam difíceis de

serem mudados pode ser possível que algumas ações contribuam com manejo adequado e boas práticas, sugere.

E como seu Manoel Silva chama atenção para a falta de conhecimento e uma orientação nesse sentido da educação ambiental seria possível no caso do uso da areia, afirma “é comum”, por parte da comunidade a retirada de areia da praia. Essa prática passou a ocorrer, especialmente a partir do processo de construção das casas de alvenarias da comunidade.

Entretanto, a retirada de areia da comunidade passou não só a tender a demanda local uma vez das mudanças na forma de construir. Mas uma vez que agentes empresariais do ramo da construção passaram atuar ilegalmente, com um aumento significativo na retirada da areia.

Essa prática teve uma grande pressão sobre os recursos disponíveis de areia na comunidade. De modo que segundo relatos dos membros da comunidade já fizeram denúncias aos órgãos competentes como IBAMA e SEMMA acerca da retirada de areia por empresários e denúncias levaram a cessar as retiradas em maiores quantidades dessa prática ilegal.

Entretanto, algumas pessoas da comunidade ainda retiram areia da praia em pequenas quantidades, manual e destinada para construções de casas, entre outras pequenas estruturas. E que alguns entrevistados relatam que nas suas concepções essa retirada de areia mesmo em pequenas quantidades, ainda assim essas ações causam impactos, embora em menores proporções que as retiradas com máquinas, como faziam os empresários.

Vale considerar as percepções sobre as problemáticas locais, mas provavelmente não só, mas possivelmente por questão de um conjunto de situações e, inclusive de um contexto mais amplo da região da bacia do rio Tocantins e no território. Mas o fato é que os relatos se marcam por apontar que há alterações no ambiente local e impactos ambientais sobre a área e os recursos pesqueiros.

Com que se nota que estes impactos ambientais ocorrem significativamente com várias mudanças sendo perceptíveis com a exposição de pedrais, no leito do rio como antes havia. Também a formação de buracos no leito do rio e assoreamento.

Para os entrevistados as mudanças e impactos a medida que foram sendo mais expostos, também marcou um processo de menor agregação social e transformações nas relações internas. Aparecendo algumas problemáticas sociais como os pequenos furtos, inclusive incidindo sobre os instrumentos de pesca como as canoas, malhadeiras, redes, motor. Isso de alguma maneira também influiu para um certo desvanecer no interesse pela atividade da pesca e procurassem outras maneiras de se manter.

Em um dado momento os furtos dos seus materiais de pesca se tornaram mais intensos e

ficando impossível de adquiri-los novamente na mesma frequência. A desmotivação na falta de condição de obter novos materiais é destacada por um entrevistado que afirma: “eu perdi o interesse por causa de tanto roubo de canoa” e que: “hoje em dia não tenho canoa, pescou só por perto”(Raimundo Feitosa, 2019).

Muito embora essa situação tenha motivado até a desistência de alguns pescadores pelo desenvolvimento da atividade, outros se mantiveram e se mantêm até hoje nela. A exemplo dos pescadores entrevistados, com exceção de um, todos continuam exercendo a atividade.

Dos pescadores entrevistados Luiz Paulo, 59 anos de idade morador da Vila Geladinho a 30 anos, além de pescar trabalha como vigilante no bairro São Félix I. Para ele somente a pesca nas condições que realiza hoje, não daria para suprir as necessidades da família. Isso se dá não porque não seja importante, mas pelo motivo de não dispor de materiais necessário e suficientes para realizar e viver somente dessa atividade.

Informa que no passado a pesca constituía sua única fonte de renda. Mas que depois dos furtos de alguns materiais, não teve condições e precisou procurar outra forma de manter a família. Contudo, destaca a importância que a pesca tem, e garante que se tivesse condições de dispor dos materiais necessário para a atividade estaria vivendo da pesca.

Seu Luiz Paulo relata a importância da pesca no sustento da família e que criou os filhos exercendo essa atividade. E que mesmo tendo passado a trabalhar como vigilante, nas folgas, conta com o apoio de amigos no empréstimo da canoa e desenvolve a pesca que a partilha com os mesmos o que pescou. E diz: “meu sonho é comprar minha canoa e continuar pescando, pois isso pra mim é muito satisfatório.”

O relato chama a atenção para percepção da pesca não apenas em caráter econômico como se procurou destacar. No que se percebe a importância dada à atividade que para seu Luiz Paulo, mesmo com todas as adversidades que constitui uma satisfação. E também no interesse dessa pesquisa compreende diferentes dimensões da dinâmica social e do modo de vida no Geladinho.

No presente na comunidade a prática da pesca é desenvolvida e acontece, porém, não com o mesmo quantitativo de pescadores que antes. Mas, o fazem de modo que ainda se constitui como um meio de garantia do sustento para muitas famílias. E das quais alguns jovens, também desenvolve a atividade em continuidade as gerações anteriores.

Embora as mudanças e percepções sobre a pesca e trabalho na comunidade. Posto que alguns jovens não gostam de ser relacionados com o campo e muito menos como ribeirinho, aponta alguns entrevistados. E que pode ser interpretado pelas formas estigmatizadas como essas realidades são vistas e passadas para os jovens, e que levam a não se reconhecerem como parte

dessa realidade.

Na história da comunidade e nas experiências sociais se percebe que as transformações tanto no espaço como de ordem social mais ampla foram acontecendo. Nesse contexto a pesca segue como uma atividade e muitos dos antigos pescadores permanecem pescando, mesmo que nos arredores da Vila Geladinho .

Há casos também, por outro lado, de pescadores que dispõem de um poder aquisitivo melhor e que dispõe também de apetrechos de pescas, embarcações motorizadas e que passam mais de 30 dias fora da comunidade e no lago de Tucuruí. E seu pescado já conta com destinos ao comércio no bairro São Félix.

Assim a Vila Geladinho ainda mantém a prática da pesca , e essa prática vem perpassando gerações, pois há famílias de pescadores que já se encontram na terceira geração fazendo essa atividade. Essas famílias encontram na pesca meios de garantir e promoverem o sustento familiar. Cujas atividades fazem parte das experiências e se mantêm culturalmente viva e na memória de quem praticou e ainda prática.

E sua continuidade, embora as dificuldades, pode ser sinalizada, como se faz necessário atenção nas relações e percepção dos jovens sobre a pesca. De que muitos falam da relação da pesca com os aprendizados que tiveram no convívio familiar, com os avôs, pais, mães e tios. E que esses aprendizados tem motivados a se manterem na atividade e nessa cultura viva dentro da comunidade, de que muito os orgulha.

Não obstante, as problemáticas advinda das questões ambientais, da escassez do pescado e questões sociais, as famílias tem nessa atividade uma referência e, se nota que tal prática ainda permanece. E por também certos laços familiares e de reciprocidade são firmados. E que tais ações pertencem a essa coletividade e são estabelecidas na organização e dinâmica da Vila Geladinho.

Pode-se dizer que mesmo enfrentando desafios de diversa ordem, a Vila Geladinho constitui como comunidade e uma experiência social importante com modo de vida que se constituiu em face as situações de conflitos pelo acesso a terra. E nesse espaço constrói suas condições de vida e existência na relação com o meio ambiente e território garantindo sua reprodução social. (CONCEIÇÃO, 2002, p. 166).

CAPÍTULO III

JOVENS DA VILA GELADINHO: RELAÇÕES DE TRABALHO E PERCEPÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DA PESCA ARTESANAL

3.1 O trabalho e a escola a partir da percepção da juventude: A luta por uma educação do campo

A pesca na Vila Geladinho passa por gerações e no conjunto das relações instituídas na comunidade tem passado por transformações. Inserida num contexto local e de inserção mais amplas na região sudeste do Pará e da sociedade atual, as pressões e relações com o em torno, sem dúvida representa influências no modo de vida e percepção.

Mais especificamente, no que se refere as percepções e relações dos jovens no que diz respeito ao trabalho e as práticas da pesca artesanal. Esta abordagem procura trazer elementos a partir das narrativas com interesse de uma reflexão sobre esses aspectos a fim de entender suas experiências e, como os jovens percebem a importância dessa prática na vida e na comunidade.

Os jovens da Vila Geladinho relatam sobre essas práticas realizadas dentro da comunidade. Ademais, entendidas como práticas socioculturais que vem sendo realizadas pelos pais e gerações de familiares desde a época que chegaram ao Geladinho. Entretanto, esses jovens reconhecem que muitas coisas mudaram no que diz respeito a essa prática.

Para buscar entender como se dá à relação dos jovens da comunidade, e desta num contexto do campo, com a prática da pesca artesanal e o trabalho. Primeiramente, se utilizou uma aproximação mediada por uma conversa bem informal, a partir daí aliada a realização de entrevista gravada. Também com a abordagem através de roda de conversa pelas quais foi possível falar sobre família, trabalho, escola e processos educacionais, procurando que todos se mantiveram à vontade para essa conversa.

Por meio de algumas falas nota-se que para os jovens conciliar trabalho com a formação escolar é uma tarefa árdua por várias questões. Pois, uma delas se dá em função dos deslocamentos da comunidade para outras localidades para a realização do estudo. E na maioria das vezes para fazer esse percurso passam horas dentro do transporte escolar. Com ônibus sucateados, estradas e vicinais em péssimas condições de tráfego. E devido as distâncias precisam acordar cedo para tomar o transporte escolar no horário estabelecido.

A escola presente na comunidade só atende o ensino fundamental e EJA e, não atende todos níveis educacionais que a comunidade demanda. Assim para realizar o ensino médio tem que se deslocar para fora da comunidade.

Disso decorre que a ausência dessa oferta na Vila afeta de forma negativa na saúde e o bem-estar dos jovens, como sugerem falas e relatos. Uma vez que sentem cansaço, desânimo, falta de apetite e principalmente muita dor de cabeça, o que os leva a pensar que isso advém do fato de

terem que acordar muito cedo para se deslocarem até a escola.

A maioria dos jovens relatam que precisam acordar às cinco horas da manhã, ajudar nas tarefas de casa e, em seguida ir para escola, que fica fora da comunidade, Em bairros como São Félix, e Nova Marabá. Para Miguel González Arroyo (2006) numa crítica ao modelo e as dificuldades como o ensino é ofertado no campo afirma que isso deve ser revestido no sentido que “a escola do campo traz marcas dos sujeitos, o que significa dizer que essas diferenças são convertidas em desigualdades. O sistema educativo do campo tem que ser construído como um sistema de afirmação para correção das desigualdades e da dívida acumulada.”

Essas situações às vezes acabam desmotivando os jovens na conclusão do estudo no ensino médio, pois nesse momento já têm que conciliar, ademais, trabalho e a formação escolar. O que para eles não é tarefa fácil, e isso principalmente não tendo escola de ensino médio na própria comunidade.

Os jovens que participaram desta pesquisa também levantaram a questão da falta de informação e debate no que diz respeito ter a oferta de diferentes níveis de ensino na escola da comunidade. Chamam atenção que nem a escola, nem a comunidade tem orientado e discutido esse tipo de questão, dizem alguns jovens, como. André Sousa, 2019).

Com isso e mediante condições de direito ao acesso à educação, indicam para o estatuto da criança e do adolescente “ (ECA), no artigo 53, da lei número 8.069 de 13 de julho de 1990 diz que o acesso à escola pública e gratuita e que esta precisa ser próxima de suas residências”(André de Sousa,2019). Mas estão cientes que saber dessas informações obviamente não é suficiente e demanda mobilização e de um conjunto de ações como as que constituem parte das socializações, desde o grupo familiar e da comunidade e que em outros momentos serviram para guiar outras demandas locais.

Embora, a perspectiva do direito tenha sido levantada, a maioria dos jovens, e de suas famílias não dispõem de informações e dessas pautas em base aos direitos e fazer frente as essas demandas. Em situação que, nesse contexto a escola poderia e pode ser mobilizadora dessas orientações. Muitas vezes os jovens e demais agentes sociais não reivindicam seus direitos, por desconhecerem os mecanismos políticos e jurídicos, por exemplo.

Partindo dessa assertiva, cabe tanto à escola o papel de formadora e orientadora, quanto toda a sociedade por meio de que a educação se faz voltada para atuação na e em sociedade.

Nesse sentido, para alguns jovens requerer da escola um papel mais atuante com a tarefa de trabalhar a formação dos sujeitos e, por esse motivo sugere-se com maior responsabilidade para com as problemáticas que lhes cercam, e da sociedade no que tange as questões políticas,

econômicas, culturais e outras.

Muitas das problemáticas que afetam os jovens e a comunidade, e a exemplo, do que se dá em torno do acesso à escola, e pela disponibilidade logística que separa os jovens da zona rural da zona urbana e lugares de acesso ao ensino. Neste caso, são estradas sem manutenção, vicinais em péssimas condições de tráfego, transportes preconizados e outras condições.

Tais questões com reflexos sobre os jovens e estudantes não se restringe a responsabilidade da escola quando repercute no desempenho educacional. Se compreende é importante discutir que problemática como estas não advém e pertencem somente a escola, mas são decorrentes da atuação do poder público, governos, aplicação de recursos na educação, e as próprias concepções que orientam políticas, econômica e ideologicamente estas ações. Portanto, questões que dependem da atuação da própria escola e do conjunto da sociedade.

Pois, tanto as políticas, fatores econômicos e concepções dominantes e vigentes no seio da sociedade tem grande influência e repercute no âmbito escolar no campo. E diz Miguel Arroyo citado acima a “escola do campo traz marcas fundamentalmente dos sujeitos marcados pelas diferenças convertidas em desigualdades.”

E cabe reiterar no que tange as experiências e muitos jovens e provenientes das narrativas que essas marcas sobrevém da “desigualdade baseada nas diferenças sociais, raciais, étnicas”, por exemplo. E que leva a estigmas, vergonhas e negações, repercutindo na formação identitária e na valorização da realidade social e cultural.

Nesse caso, a escola tem um papel fundamental de desconstruir essas concepções e trabalhar com orientações para esses jovens, na valorização da realidade social. E em contraposição de um abismo entre o campo e cidade, e as modalidades de trabalho nestes locais. Posto que tais concepções que levam a categorização do campo como lugar de atraso, e tende a influenciar a saída dos jovens para a cidade em busca de trabalho.

Tais problemáticas de alguma maneira contribuí para negação do campo como lugar de trabalho para os jovens, e isso em decorrência da própria maneira como as políticas são direcionadas. Nesse caso a própria oferta de ensino sugere para a negação do campo como lugar próprio da realização da formação escolar.

Assim que, é de fundamental importância à escola abraçar essa responsabilidade na construção e formação dos sujeitos, de orientar os jovens mostrando e valorizando a sua cultura e da realidade social permeada de histórias, vivências, como no caso da Vila Geladinho a partir da pesca artesanal. E que neste trabalho se dá ênfase a partir das narrativas desses jovens envolvidos na pesca.

Os jovens entrevistados e que praticam a pesca indicam que as famílias tiveram e têm um papel muito importante para constituição do que são hoje, como pessoas e por realizarem a pesca.

Principalmente fazem referência aos avós os quais sempre fizeram e fazem questão de narrar as recordações acerca de como era realizada a prática da pesca artesanal na comunidade. Com estas memórias dessa realizada do passado, sempre estiveram muito presente em suas vidas.

A partir dessas memórias os avós indicam para a abundância de peixes, por exemplo. E sem dúvida, que essas experiências fazem com que sintam a necessidade e vontade de dá continuidade nessa prática tão importante, afirmaram os jovens envolvidos na pesca. Enquanto, outros se disseram fora desse contexto e que preferem exercer outras atividades, não atuando na pesca.

O jovem Alisson Costa, estudante, vive na Vila desde seu nascimento e tem 18 anos de idade. Como pescador relata que aprendeu a prática da pesca com o avô. Ele ressalta a importância da pesca artesanal dentro da comunidade e diz que sonha em ver essa prática cada vez mais forte e que junto com outros pescadores tem o desejo de criarem uma cooperativa de beneficiamento do pescado dentro da comunidade.

Na sua compreensão esse tipo de orientação e fortalecimento da atividade pode influir para outras iniciativas que a pesca possa ser valorizada e de parte de outros jovens. Muitos dos quais não vêm a pesca com interesse, ao que acredita que dada desmotivação dos jovens resulta da falta de incentivos para a atividade e por parte do governo.

A ausência de políticas públicas com incentivo e fortalecimento da atividade; Sobre o que diz: “se agente tivesse políticas de incentivos do pescado dentro da Vila ninguém teria vergonha, e também muitos não precisariam sair atrás de trabalho fora daqui”, destaca (Alisson Costa, 2019).

Tais questões nunca foram colocadas tão claramente quanto durante as três décadas, do início dos anos 50 até fins dos anos 70, quando predominou, com algumas exceções notáveis, uma concepção linear evolucionista no pensar o desenvolvimento. O ponto de partida era o reconhecimento de que algumas regiões do mundo (na maior parte colônias ou ex-colônias das potências européias) eram “atrasadas” econômica, social, cultural e, acrescentariam alguns, politicamente. O atraso, tal como era entendido na época, significava pobreza, fome, produto nacional baixo, baixa renda per capita e, em geral, baixos padrões de vida para grandes parcelas da população. (STAVENHAGEN, 1985, p.13).

“No que diz respeito ao etnodesenvolvimento Rodolfo Stavenhagen aborda no que considera ao desenvolvimento de grupos étnicos no interior das sociedades mais amplas, deve

tornar-se a principal questão de reflexão sobre o desenvolvimento, tanto teórica como prática.”(STAVENHAGEN,1985,p.41).

Alisson Costa, acredita que a falta de políticas públicas afeta e desmotiva essa atividade entre os jovens, dado que na percepção de suas vivências, eles destacam que a família sempre passou por dificuldades desde o princípio de constituição da Vila. No que se conclui que algumas mudanças precisam ser feitas, como exemplifica, para a criação de cooperativa de beneficiamento do pescado dentro da Vila.

Costuma-se aceitar o fato de que, por trás de muitas reivindicações étnicas contemporâneas, encontram-se injustiças econômicas, mas seria muito simplista reduzir o problema, como um todo, a uma forma de luta econômica. Onde quer que haja minorias territoriais, como os índios na América Latina, ou, talvez, as tribos reconhecidas na Índia, as reivindicações costumam ser por maior controle dos recursos, ou por maior autonomia local (incluindo, naturalmente, em alguns casos, autogoverno político ou independência).(STAVENHAGEN,1985,p.38).

A luta por direitos iguais e a sua conquista, contra formas anteriores de exclusão e discriminação de diferentes tipos de grupos sociais, teve, de certa forma, o efeito de impedir que a teoria política considerasse estes grupos sociais enquanto grupos, colocando, ao contrário, o cidadão individual no centro do palco. Sem dúvida, isto teve impacto na dinâmica real de tais grupos, como é o caso da América Latina.(STAVENHAGEN,1985,p.27).

Para o entrevistado e remetendo a suas próprias concepções sobre essa leitura e acerca da pesca na comunidade, Alisson Costa, considera que compreensões como essa sejam advindas da falta de conhecimentos por parte dos jovens acerca da pesca artesanal. Ademais, como leitura que alguns fazem mediante um pensamento reproduzido pelas família quando essa prática apenas é analisada por aferição de lucros.

O que para o entrevistado a própria importância histórica deve ser considerada, com incentivo, para que ao invés de incentivá-los acabam por desmotivarem os jovens. O que sugere se dá em função das condições da realização da pesca e pode dificultar a prática.

Quando se combina a problemática do desenvolvimento com a do reconhecimento da diversidade cultural, o etnodesenvolvimento introduz um conjunto de novos temas no seio do espaço público dos Estados nacionais. No plano político, o etnodesenvolvimento dá um recorte étnico aos debates sobre a questão da autodeterminação dos povos e, no processo, questiona, pelo menos parcialmente, as noções excludentes de soberania nacional. (LITTLE,2002, p.40).

“Para Paul Little existem muitas maneiras de conscientizar o etnodesenvolvimento local, sendo que cada um leva consigo um conjunto de valores, políticos e culturais.”(LITTLE,2002,p.40).

E isso se deve em parte em muitas das construções que os familiares têm mediante uma concepção da pesca atrelada ao lucro e, como é passado no seio da sociedade. E seja, o que não se insere na grande cadeia de mercado é atribuído à “subsistência”, ao atraso e em importância econômica. E faz com que alguns não problematizem que não obstante o quão importante a pesca artesanal é, no que diz respeito a alimentação e a reprodução social.

Assim sendo, para muitos a importância só é válida mediante o seu caráter de retorno financeiro. E para ele, falar da importância da pesca artesanal para os jovens deve acontecer tanto no âmbito familiar, como no escolar, pois essa prática está acontecendo constantemente dentro da comunidade.

Nessa perspectiva a importância da pesca passa a ser ressaltada também pelo seu valor cultural e pelo uso e práticas que são vivenciadas na comunidade. Para o entrevistado essas questões deveriam ser trabalhada para que os jovens percebam a importância cultural e social da pesca.

Pois a pesca não se trata apenas de conseguir alimentos. E principalmente, não se restringe a “bons lucros financeiros”. Mas, constitui uma prática tão importante dentro da comunidade e que desde a sua formação garante o sustento de muitas das famílias, o fornecimento de proteínas e, para segurança alimentar do grupo e não só como um produto de valor econômico. Que de acordo com Hellebrandt (2014) trata-se de:

Em sua forma mais amplamente utilizada, segurança alimentar e nutricional (SAN) é definida como “a situação na qual todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso em termos físicos, sociais e econômicos a alimentos nutritivos, seguros e em quantidade suficiente para garantir as necessidades nutricionais e preferências alimentares que possibilitem uma vida ativa e saudável.”(HELLEBRANDT et al. 2014, p. 12).

Nessa perspectiva a pesca artesanal constitui-se como uma fonte de alimentação. E situa-se ademais, como busca por produtos mais saudáveis, como no caso da composição de uma dieta com inclusão do pescado. Num contexto de ser uma fonte de alimentação para muitas famílias, e aporte para segurança alimentar.

Ainda, na trilha narrativa do jovem Alisson Costa e de forma expressa sua concepção sobre a pesca. Ele argumenta quanto a sua atuação na pesca que não se vê fazendo outra atividade fora da comunidade, com isso deixar de ser pescador. Mas, reconhece que atividade não é sempre bem vista, e que muitos dos seus amigos sente vergonha de serem intitulados como ribeirinhos ou pescadores.

A relação da comunidade com meio urbano e nas proximidades da cidade de Marabá, pode levar à alguns apagamentos em decorrência dos estereótipos criados nos tensionamentos dessas relações e contextos sociais. E que considerar as reflexões de Miguel Arroyo (2006) pode advir das desigualdades, e também dos estigmas formulados sobre o campo na relação com a cidade.

Com isso, percebe-se que muitos dos jovens não se vêem como ribeirinhos, pescadores, camponeses. Se identificando mais como moradores urbano, afirma o entrevistado. E diz: “os meus amigos tem vergonha de ser chamados de pescadores e camponeses, talvez porque a gente more muito perto do São Felix” (COSTA, 2019).

Depreende que a maioria dos jovens se vêem num contexto de pesca e também de uma construção estereotipada em que ser chamado de pescador é algo que remete à uma ideia de atraso. Assim que muitos não manifestam uma rejeição de reconhecimento e auto definição como ribeirinhos, e pertencendo ao campo.

E ao que parece este se apresentando como um contraponto na relação com urbano. Embora as ambiguidades e dissensões entre campo e cidade. Bem como as construções em acepções de campo são relegadas a noções de estigmas e desigualdades.

Ainda, para Alisson Costa, é compreensível essas percepções que seus amigos fazem, justamente porque nunca se trabalhou a importância dessa prática no que concerne a própria cultura dentro da comunidade. E isso, muito embora ela seja uma experiência que realiza na maioria das famílias. Assim que, a maioria não percebe nessa perspectiva de que é uma cultura.

E nesse aspecto, destaca que a sua família sempre o incentivou a pescar e que sabe da importância dessa atividade em sua vida. Foi criado por seus avós, e junto a eles nunca lhes faltou absolutamente nada. E hoje por sua conta própria consegue tirar do rio o sustento. E, ainda que permaneça morando com os avós consegue ajudar a família com a renda provinda dos peixes. E ressalta a importância de ser pescador artesanal e diz: “tanto o rio, como a terra têm garantido a sobrevivência da minha família, e pra mim é motivo de orgulho” (COSTA, 2019).

Como atividade combinada a pesca também desenvolve atividade de plantio realizada no lote do avô. Nesses plantios, estão os cultivos de verduras e hortaliças, a exemplos do feijão, quiabo, maxixe, abóbora, melancia, cheiro verde, salsa, entre outros.

Para Alisson Costa a reprodução social dele e de sua família tem muito haver com a importância que ele atribuí a pesca. Destaca que o seu avô nunca precisou trabalhar de carteira assinada e nem pretende. Mas também reconhece que hoje em dia muitas coisas mudaram no que diz respeito a prática dessa atividade. No que exemplifica a escassez do pescado, poluição ambiental. Além da poluição sonora, sobretudo, em época do veraneio. E para ele esses

acontecimentos impactam diretamente no comportamento dos peixes e que pescar em épocas do verão se torna muito difícil devido a essas intercorrências.

Por essas questões e além disso, aponta para a poluição gerada pelos motores rabetas que transportam os veranistas, e o óleo derramado por esses motores, também são considerados, e no que acredita serem fatores que contribuí para que haja o afugentamento das espécies com migrações para outros locais. Esses fatos são relatados, mas adverte que mesmo com todas essas dificuldades não pensa em deixar de ser pescador.

Pelo contrário e sonha que essas atitudes sejam repensadas tanto, por parte dos membros da comunidade, como para os turistas que visitam a praia na época do verão. E como se ressalta nas suas palavras: “aqui tanto se poluem com o lixo, som alto, zoadas dos motores das rabetas, o óleo derramado no rio. Isso tudo afasta o peixe, eu queria que as pessoas tivessem consciência, tanto nós como também quem visita, é difícil mas não penso em deixar de ser pescador não.”

Fabiano Silva, é sobrinho de pescador, tem 25 anos de idade, nasceu e se criou na Vila, ele diz que aprendeu o ofício de pescador com os tios. E que no começo da atividade pescava apenas para se alimentar, e tinha vontade de sair da Vila Geladinho para arranjar trabalho em alguma empresa privada. Entretanto, com o passar do tempo foi percebendo que sua fonte de renda estava dentro da própria comunidade.

Nesse sentido, ele destaca a importância e o apoio que a família lhe deu. E isso para desenvolvimento da atividade, e com a obtenção dos materiais necessários para poder realizar a pesca. E hoje ele entende o valor que essa atividade tem, porque segundo ele conseguiu, inclusive ajudar outros parentes. Pois através da pesca que empregou dois primos. Um deles, realiza a venda dos peixes, que juntamente com outro obtém na pesca.

Com a atividade e esse desempenho já comprou dois barcos, bem como, canoas, redes, malhadeiras, entre outros. Mas também relata o desinteresse da maioria dos jovens pela pesca. E diz que se dá basicamente pela falta de conhecimento e por vergonha. Posto que muitos se sentem envergonhados de exercerem a serem chamados de pescador. Reconhece pela sua própria experiência, porque também sentia vergonha, mas depois entendeu e hoje agradece a família por ter ensinado tudo que ele sabe sobre a pesca.

E nesse sentido a família sempre mostrou a importância dessa prática, e o quanto eles estiveram empenhados para que essa prática tivesse continuidade na família, e que ele sempre reconheceu essa atividade, não somente como um meio para garantir sua reprodução social, mas também por sua importância histórica.

3.2 A atividade da pesca em um movimento pendular: Entre convergências e divergências

Fabiano Silva e Alisson Costa destacam que sempre tiveram apoio da família. Para este último tanto os incentivam nos estudos, como também na continuação da atividade que vem sendo realizada na comunidade desde o seu avô e que seguem pescando. Mas, há famílias de jovens que compartilham de outras concepções e, não desejam que os filhos sigam os mesmos caminhos que os pais na atividade.

Essa concepção é notada na fala do jovem André de Sousa, estudante, nascido e criado na Vila, filho de pescador e com 17 anos de idade que diz: “meus pais que são pescadores não querem que eu e meus irmãos sigam por esses caminhos. Eles preferem que a gente trabalhe de carteira assinada”, relatou.

Tendo nas experiências carregada de dificuldades e projetando uma concepção de trabalho atrelada ao caráter formal consideram a atividade da pesca como é realizada como um trabalho sacrificante. E entendido, como um trabalho que não dá bons resultados financeiros. Dessa maneira preferem que os filhos busquem trabalhos de carteira assinada. E por assim dizer se inserindo no mercado de trabalho, em geral fora da comunidade.

A fala de André de Sousa também remete para as questões ambientais e com impactos para a atividade dentro da comunidade. No que frisa acerca da escassez do pescado, a poluição, entre outras questões. Além disso, indica que a falta de recursos financeiros de muitas famílias faz com que ao invés de incentivarem os filhos a permanecerem nessa atividade, preferem que procurem outras atividades que não é a pesca.

Com tais narrativas se percebe que as dificuldades encontradas e atribuídas aos pais, desde o início dessa atividade, pode ter relações para que os filhos não sigam por esse mesmo caminho dada a maneira como são recebidas e percebidas pelos jovens na atualidade. E como disse o jovem: “meus pais sempre passaram por dificuldades fazendo isso, costurando redes pra pescar e as vezes dá até pena”. E assim que por não conceberem a pesca como uma atividade de valor reconhecido e dadas as dificuldades porque passaram, talvez a razão pela qual pais como os de André relutem em permitir que os filhos sigam nessa atividade.

André Sousa diz: “é muito desgastante passar horas no rio e as vezes nem pegar o peixe, eu não quero isso pra mim, e nem a minha família também, prefiro trabalhar fora”. Essa afirmação ressalta as vicissitudes dos caminhos trilhados pelos pais e da pesca para qual atribuem ser um trabalho desgastante. Em que os pescadores podem passar horas a fio, no rio e não conseguir adquirir o pescado. Mas não só este fato, já que isso não ocorre sempre. Entretanto, que outros

fatores são combinados para dificuldade como a escassez dos peixes em decorrência das questões ambientais, mudanças de espécies para outros locais. Em razão das ações que interferem na natureza e com impactos direto no comportamentos de espécies, pode-se entender. (HALLWAS, 2011). Que tais mudanças impactam o comportamento de espécies.

Contudo, embora quando relatem sua aceção da pesca com relação a perspectiva de trabalho, o joven André de Sousa também reconhece a importância dessa prática dentro da comunidade e diz: “ eu sei que fui criado através da pesca, mas eu não quero isso não, vou terminar o ensino médio e já tenho emprego garantido no frigorífico”. Assim sendo, a pesca não é a atividade na qual se reconhece realizando e, tem em perspectiva que ao terminar o ensino médio buscará emprego na cidade de Marabá.

Gaudêncio Frigotto (2009) chama atenção para a questão do trabalho e emprego, para esta abordagem no que tange a caráter formal tende, por vezes em invisibilizar e desvalorizar práticas fundamentais na dinâmica social, compreende-se.

...a problemática no que diz respeito onde a maioria da grande massa de trabalhadores não tem a capacidade para distinguir o que é trabalho e emprego, o que para ele tem muito haver com pensamentos do senso comum, sociológico, econômico e político e para além é solidificado pela mídia. (FRIGOTTO, 2009, p.17).

A maioria dos jovens da comunidade após concluírem o ensino médio, no bairro São Felix procuram trabalho em pequenos comércios dentro e fora da comunidade. Os postos de trabalho mais frequentes são os supermercados, lava-jatos, açougues e lanchonetes. A maioria já sai do ensino médio, e praticamente, direto para o trabalho formal em importante frigorífico da cidade que pertence a uma das maiores indústria do Brasil. Essa relativa facilidade é atribuída ao fato de sempre terem algum parente ou amigo que trabalham no estabelecimento.

Outro fator considerado favorável é que a empresa dispõe de ônibus que vai buscar e deixar os trabalhadores na Vila Geladinho. E dada as condições de transporte na comunidade. Assim que: “o ônibus entra aqui, facilitando a vida de quem trabalha no frigorífico, dá até pra dormir um pouco mais”, afirma (André,2019). O que é considerado importante devido não precisarem se deslocar até o bairro São Félix para pegar o transporte e daí irem ao trabalho.

Além do transporte, outras condições oferecidas pela empresa são consideradas benefícios e contribuem para o interesse nesses postos de trabalhos e não a pesca artesanal na comunidade. E que são: vale alimentação, planos de saúde, entre outros.

Considerada a remuneração do emprego formal, a maioria dos jovens tem a concepção de que “a pesca não dá dinheiro”. Com essa assertiva segundo os relatos é que preferem buscar empregos formais. Pelos quais acreditam que estarão garantidos. E em comparação aos pais, consideram que eles nunca puderam comprar nem os próprios apetrechos para realizar a atividade. E muito menos guardar o mínimo possível de dinheiro para uma eventual emergência.

Desse ponto de vista para estes jovens que buscam o mercado de trabalho fora da comunidade a pesca artesanal nunca se mostrou atrativa para eles e como horizonte para a atuação. Ademais, na condição de funcionários relatam que os pais jamais teriam condições que podem ter com as vantagens oferecidas pelas empresas privadas. André de Sousa diz: “nunca faltou comida na mesa, mas prefiro trabalhar com outra coisa, eu não quero ser chamado de pescador e nem pescar.”

Assim que não se reconhece na pesca e nem que esta atenda suas expectativas em relação ao trabalho formal. A categoria trabalho é discutida por Gaudêncio Frigotto (2009) que apresenta da seguinte maneira:

Posta a compreensão da polissemia da categoria trabalho nessa perspectiva, percebo que em parte ela está em curso, mas que a tarefa é imensa e demanda o esforço de pesquisa de um amplo coletivo. No escopo deste texto, é possível apenas sinalizar o que está sendo produzido no debate da polissemia da categoria trabalho e delinear, no campo marxista, onde percebo as fontes teóricas que pensam com Marx e que vão além de Marx para avançar neste terreno. (FRIGOTTO, 2009, p. 17).

Gaudêncio Frigotto (2009) faz uma análise sobre dois pontos relacionados e sinalizando a polissemia da categoria trabalho. Onde segundo o autor a categoria trabalho tem resultado de uma construção social de multiplicidade de sentidos, ou seja, no processo de construção dessa polissemia ela foi tomando formas e sentidos que para muitos, trabalho e emprego é a mesma coisa. Outros com isso consideram que o trabalho que se faz no seu dia-a-dia não tem relevância, e sim, se trata de mais uma obrigação.

Isso se dá no processo de construção das classes sociais e como mecanismo de dominação das classes menos desfavorecida. Nesse caso, a não compreensão de maneira mais ampla da categoria trabalho, tende a favorecer a dominação de classe.

Levando em consideração que a compreensão do trabalho não é tarefa fácil é possível observar por meio dessa pesquisa, que a maioria dos jovens atuam em atividades no âmbito familiar e da comunidade. Essa classificação de “ajuda” aos pais nas tarefas do dia-a-dia é tida na maioria das vezes como tarefas desempenhadas, das quais não consideram como trabalho efetivamente. Outros compreendem haver diferença entre trabalho e emprego. Mas observa-se

que há uma certa resistência, em reconhecer os trabalhos autônomos e nas diferentes formas que não os classificados como empregos formais.

Ademais, não são todos os jovens que manifestam a compreensão da diferença de trabalho e emprego formal de carteira assinada, e com vínculo empregatício. Porque ao não estarem sob as condições formais é comum a atribuição do não trabalho e desemprego. Outros reconhecem que o seu trabalho em casa e na comunidade têm relevância, e, em especial, contribuí no sustento da família. Uma vez que trabalho é só aquilo que é remunerado.

Os jovens pertencentes as famílias que continuam em atividades de pesca, para estas a pesca artesanal é de suma relevância. Porque ela podem garantir o sustento da família, enquanto uma prática cultural. Já para outros a atividade não desperta interesse.

Fabiano Silva e outros ressaltam que por reconhecer todo o processo de lutas que os primeiros moradores travaram para se restabelecer dentro da comunidade, reconhecem que hoje nem todos os jovens desejam da continuidade a atividade da pesca. Fabiano Silva diz temer que num futuro muito próximo essa prática deixe de existir. E incentiva os jovens para continuarem.

Mas também reconhece que é preciso dá condições de melhorias, e que nem todos dispõe de condições financeiras para adquirir os materiais necessário. Para tanto, sendo o apoio da família fundamental, como foi o seu caso.

Fabiano que tem como base família de pescadores afirma que mesmo com a escassez de peixes e o fato de que muitos precisam se deslocar para outros locais em busca do pescado, isso é feito. Assim que em hipótese alguma pensa em abandonar a atividade. E que ser pescador não o faz sentir-se menosprezados diante da sociedade, mas sim motivo de orgulho.

E com isso, diz fazer parte de uma “cultura tão viva” e que a maioria faz questão de esquecer, e de já não praticar. E nesse sentido que dar continuidade a essa prática iniciada pelos avós, tios e pelos pais. O que constitui um reconhecimento importante. Com que reconhece ter um papel e saber da sua responsabilidade em manter essa atividade cultural viva, no que destaca sua importância para as crianças, jovens e adultos da Vila. E aponta para importância de se trabalhar a pesca reforçando seu valor e como cultura. E posto, saber que a comunidade foi constituída com base nessa definição.

E que muitos jovens não sabe, justamente pela falta de conhecimento o que muito o intristece. Mas o fato de não desejarem dá continuidade na pesca, não significa que devam simplesmente sair da comunidade. Mas que nessa ou em outras atividades possam ser incentivados pela família, escola e amigos para que eles possam reconhecer o valor que a comunidade tem.

No presente a Vila Geladinho quanto as atividades base de sua economia tem uma tijolaria,

uma granja, cultivos de hortas, criação de animais de pequeno e grande porte, produção leiteira, pequenos comércios, bares, restaurantes.

Figura 8: Praia do Geladinho final do veraneio



Fonte: Vanda do Rosario Oliveira, 2020

Além disso, aí se estabelece a praia que figuram como reconhecido balneário. O Geladinho constitui um dos grandes pontos turísticos de referência na região, e que atrai inúmeros visitantes, sobretudo, nos meses de julho, agosto e setembro. E esse fato tem impulsionado a economia local. Assim, a praia do Geladinho se converte num meio de renda importante para a comunidade.

E nos meses de maior movimento isso tem uma significativa repercussão na comunidade. Embora, as problemáticas com o fluxo gerado pelo turismo no local, é importante, salientar que, nos períodos de alta temporada nas praias, membros da comunidade aproveitam para realizar pequenas vendas como, de água mineral, bebidas alcoólicas, ovos de codorna. Outros alocam parte dos lotes para estacionamentos garantindo, assim, algumas entradas de renda extra.

No que se nota que alguns jovens se inserem nessas atividades durante esse período de veraneio. Chamada a atenção para essas atividades temporárias percebe e ressalta-se aqui nessa pesquisa que a Vila Geladinho tem constituído suas experiências e em que seus membros ao longo de sua trajetória de formação e presente realizam diferentes modalidades de atividades e trabalho com os quais tem garantido o sustento e a reprodução da existência. Em que se destaca os cultivos e a pesca.

Entretanto, ainda que possam sugerir uma certa contradição e acepções distintas, é interessante ressaltar, que embora para alguns jovens a compreensão da categoria trabalho num sentido mais amplo, seja algo que se mostre com alguma dificuldades de compreensão, observa-se que eles reconhecem e interpretam questões importante do contexto da qual estão inseridos. E para além disso, enquanto vivências, no seio familiar, na constituição do lugar, da reprodução social, e enquanto cultura. E isto é, a partir do presente e da memória. Em que remetem a pesca como importante na garantia do sustento e para a permanência dos que ainda praticam na comunidade.

Mais, especificamente como é de interesse desse trabalho a pesca aqui tem destaque e percebe-se a sua importância na Vila Geladinho. E no caso dos jovens, eles indicam suas percepções acerca da pesca, e compreendem sua importância econômica, mas também na trajetória histórica e na dinâmica sociocultural da comunidades. E, seja os que praticam e mesmo os que não praticam reconhecem sua importância, no que se constitui como experiência para a Vila Geladinho.

CONCLUSÃO

A pesquisa tendo como foco as experiências, memórias e práticas da pesca artesanal na Vila Geladinho dá indícios que aponta para o processo de formação da comunidade, da dinâmica de organização desde o seu início de constituição no local.

E indica para a luta e a resistência de se manterem e se estabelecerem no lugar e que se marca na história, nas narrativas de memórias dos agentes sociais. Desde os chamdos “primeiros posseiros”, os quais travaram enormes lutas para ali se manterem. E no que se difere as organizações e marca esse primeiro momento e às lutas dos anos 1980 foram de suma importância para esses agentes permanecerem e virem a constitui a Vila Geladinho.

Assim sendo, homens, mulheres e diferentes gerações que formam a Vila Geladinho tem enfrentado desafios, principalmente, em função dos conflitos na garantia do acesso, acesso a serviços e desenvolvimento social e organizativo da comunidade. Mas, e que no passar do tempo tem se constituído em experiências, um modo de vida num espaço onde a relação com o território e o meio ambiente são mobilizadas de modo a garantir as condições de reprodução social.

Percebe-se também que a prática da pesca artesanal, figura como experiências sociais e que marca trajetória da comunidade por meio das narrativas de memória. E que mesmo em face das mudanças contínua sendo um meio de garantia do sustento para muitas das famílias. E que veêm a pesca artesanal como um artefato da memória, mas perpassada nas relações do presente.

E de modo que segue, sendo reproduzida nas experiências dos mais jovens.

Logo, embora as dificuldades que dizem respeito à escassez indicada para o pescado, os problemas ambientais atribuídos e constituídos como consequências para as mudanças nas práticas. E isso além das condições sociais e políticas no setor da pesca. Não obstante a pesca constitui uma experiência sociocultural para a comunidade.

No que diz respeito a sua reprodução enquanto memória e prática cultural e na experiência dos jovens, observa-se que embora alguns tenham traçado para si outros caminhos da percepção e condições da sua realização, há outros que a exercem com entusiasmo e consciência de quão é sua importância. Em referência acentuada as narrativas coletadas para o trabalho os jovens remetem sentir orgulho de como o apoio da família seguiram na prática da pesca com garantia do sustento e pela sua relevância cultural, como destacaram.

BIBLIOGRAFIA

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco: Editora UFPR, Rio de Janeiro, 2002.

ALMEIDA, Marineide Pereira. Trabalhos femininos e papéis sociais em uma comunidade rural do nordeste paraense, Dissertação (Mestrado em sociologia)-Universidade Federal do Pará. CFCH/UFGA, 2002.

ANACLETO, Adilson; ANDREOLI, Vanessa Marion. **Compartilhando saberes: Os conhecimentos tradicionais e a educação ambiental**. IX EPEA-Encontro paraense de Educação Ambiental Guarapuava-PR, 2006.

ANDRADE, Bruna de Souza, Johnes de Souza Andrade, Johnny Martins Brito. Situação da pesca Artesanal e condições ambientais na percepção dos pescadores do município de Ariquemes/RO Scientia Amazônia, v.8RP1-RP12, 2019.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Educação do campo e pesquisa: Questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário. 103-116, 2006.

BARBOSA, Tamires Silva. Ocupações irregulares e Impactos Socioambiental as Margens do Rio Sanhauá, Paraíba/Brasil, 2013.

CARDOSO, Eduardo Schiavone. Pescadores artesanais: Natureza, Território, Movimento social. Universidade de São Paulo, 2001.

CARDOSO, Marcelina Castro; SILVA, Rubens Elias; SILVA, Alesandra Dyana Branches; CHIBA, Helionora da Silva Alves. Pescadores artesanais, conflitos de interesses e os recursos pesqueiros vistos como capital natural crítico: O caso do lago do Juá em Santarém, Pará, 2018.

CLARO, Lusiane Costa. Educação do Campo na Laguna: Como Pensar uma Educação (popular) de Pesca, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2013.

CONCEIÇÃO, Maria Madalena Pereira da. Merendeira, Quebradeira de coco Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário pesquisa socioeducacional. 2017.

CONCEIÇÃO, Maria de Fátima Carneiro da. Reprodução social da agricultura familiar: Um novo desafio para a sociedade agrária do nordeste paraense, Belém do Pará, 2002.

CONDE, Eliane Araújo; VIDAL, Maria Rita; SILVA, Gustavo. Análise dos padrões de relevo da Bacia Hidrográfica do Igarapé Geladinho-Marabá/PA, 2018.

Contemporaneidade do Campesinato na Amazônia Oriental, 2002.

COSTA, Alisson Estudante e Pescador Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário pesquisa de campo, 2019.

COSTA, Hermógenes Veríssimo da. Pescador Entrevista concedida a OLIVEIRA, Vanda do

Rosário pesquisa de campo,2019.

COSTA, Rita de Cássia P. da. [et al]. Quebradeiras de Coco babaçu e Agroextrativistas. Fascículo 5, Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: Processo de Capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais. – Manaus: UEA, 2014.

CUNHA,Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico,Belém,Pará,2007.

D'INCAO, Maria Conceição. Teoria e Prática no Estudo do Campesinato Paraense,2002.

DELGADO,Lucília de Almeida.**História oral e narrativa:Tempo,memória e identidade Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**,2003.

FEITOSA, Raimundo Pescador Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário Pesquisa de Campo,2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

FURTADO,Lourdes Gonçalves.Dinâmicas sociais e conflitos da pesca na Amazônia,IN:Conflitos Ambientais do Brasil.Rio de Janeiro,2004.

FURTADO,Lourdes Gonçalves.Pesca artesanal:Um delineamento de sua história no Pará. Boletim do museu paraense Emílio Goldi Belém,1981.

GUEDES, Albertina da Silva, Pescadora e quebradeira de coco Entrevista Concedida OLIVEIRA, Vanda do Rosário pesquisa socioeducacional.2017.

GUIMARÃES,Regina Beatriz Neto.Cidades da mineração:**Mémoria e práticas culturais**:Mato Grosso na primeira metade do século XX/Cuiabá,MT,2006.

HALLWAS, Gustavo. Ecologia Humana da pesca e mudanças ambientais no Baixo Rio Tocantins, Amazônia Brasileira. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Biomedicinas programa de pós-graduação em ecologia. Porto Alegre, 2011.

HÉBETTE,Jean.**Reprodução social e participação na fronteira agrícola paraense:O caso da Transamazônica**, Belém do Pará,2002.

HELLEBRANDT, Denis; ALISSON, Edward H; DELAPORTE, Anne. **Segurança alimentar e pesca artesanal, Análise crítica de iniciativa na América Latina, DMA, desenvolvimento e meio Ambiente**,2014.

LANNA,Marcos. **Nota sobre Marcel Mauss E o ensaio sobre a dádiva.Universidade Federal do Paraná, Curitiba,2000.**

LITTLE,Paul. **Etnodesenvolvimento: Autonomia cultural na era do liberalismo global**. revista Tellus.Campo Grande: UCD,ano.2,n.3.out.2002,p.33-52,2002.

LITTLE,Paul.**Territorios sociais e povos tradicionais no Brasil:Por uma antropologia da territorialidade.**Anuario antropologico/2002-2003,Rio de janeiro.

MANESCHY,Maria Cristina; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; HÉBETTE,Jean

MAUSS,Marcel.Ensaio sobre a dádiva-forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.IN: Sociologia e antropologia.Tradução: Paulo Neves São Paulo: Cosac Naify,2003.

MENDES, Rita. Quebradeira de coco e pescadora. Conversa informal a OLIVEIRA, Vanda do Rosário, 2017.

MOREIRA,Edima Silva.Mémoria social e luta pela Preservação dos recursos Naturais:O caso de São João,uma comunidade varzeira da Amazônia,Dissertação(Mestrado em sociologia)-Universidade Federal do Pará.UFPA,2002.

OLIVEIRA, Antônio Pescador Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário Pesquisa de Campo,2019.

PAULO, Luiz Pescador Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário Pesquisa de Campo,2019.

PEIRANO,Mariza.**Etnografia,ou teoria vivida.**revista do núcleo de antropologia da USP,2008.

PEREIRA,Vilmar Alves Educação do Campo na Laguna:Como Pensar uma Educação (popular) de Pesca,Universidade do Sul de Santa Catarina, 2013.

PESQUISA,Socioeducacional I.**História locais:Histórias de vida e comunidade**,Universidade Federal do Pará,2016.

REIS, Dimar Alves dos. Quebradeira de coco e Pescadora Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário pesquisa socioeducacional,2017.

Roteiro da Pesquisa **Socioeducacional I - Histórias Locais: Histórias de vida e comunidade.** Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA, 2018.

RUFFINO, M. L. A. Pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira. IBAMA/Pró-Várzea, Manaus, 2004.

SILVA, Fabiano Pescador Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário pesquisa de Campo,2019.

SILVA, Manoel Pescador Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário Pesquisa de campo,2018.

SILVA,Cristian Nunes da.Territorialidade e modo de vida de pescadores do Rio Itaquara,Breves-Pa.Universidade Federal do Pará,2006.

SILVA,Cristian Nunes;SILVA João Mario Palheta da;CHAGAS,Clay Anderson Nunes.Pesca e influências territoriais em rios da Amazônia,NAEA,2016.

SOUSA, André de. Estudante Entrevista Concedida a OLIVEIRA, Vanda do Rosário pesquisa de Campo,2019.

SPINDOLA,Thelma;SILVA,Rosangela da.**Trabalhando com a história de vida**:Percalços de uma pesquisa(dora) Rev Esc Enferm.USP,2003.

STAVENHAGEN,Rodolfo.**Etnodesenvolvimento:Uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista**.IN:Anuario antropológico 84,Rio de Janeiro: Tempo brasileiro,1985.

STRAUSS-Lévis Claude.A ciencia do concreto.IN: **O pensamento selvagem**.Tradução:Tânia Pellegrini-Campinas,SP:papirus,1989.

VELASCO, Sírio Lopez Perfil da lei de Política Nacional.Educação Ambiental,Rev.eletrônica estr.Educ.Ambient;2000Vol.2,Jan/Fev/Mar(ISSN1517-1256), 2000.

ZACARKIM,Carlos Eduardo.Diagnóstico da pesca artesanal e Amadora no rio Araguaia-To/Pá Universidade Federal do Pará, 2006.